



LIVRO DE RESUMOS / ABSTRACTS BOOK

ÉTICA, POLÍTICA E CULTURA
UTOPIAS
3ª CONFERÊNCIA INTERNACIONAL

ETHICS, POLITICS AND CULTURE
UTOPIAS
3RD INTERNATIONAL CONFERENCE

5-6 DEZEMBRO 2019
5-6 DECEMBER 2019

NOVA FCSH
COLÉGIO ALMADA NEGREIROS
CAMPUS DE CAMPOLIDE - LISBOA

Dia 1 | 5 Dezembro 2019 / Day 1 | 5 December 2019

KEYNOTE ADDRESS

Fátima Vieira (CETAPS/UP)

UTOPIA, HOMEOSTASIA CULTURAL E MUDANÇA DE PARADIGMA

Tenho argumentado, em trabalhos anteriores, que Thomas More foi aquilo que Michel Foucault alega Marx e Freud terem sido: um fundador de discursividade, de uma forma de olhar o mundo e a ele reagir; e que, tal como quando voltamos aos textos de Marx e de Freud modificamos o marxismo e o freudianismo, quando relemos a *Utopia* modificamos o utopismo, atualizando a forma de pensar utópica para os nossos dias. Nesta minha intervenção, proponho-me relacionar o processo de evolução do modo de pensar utópico em função do conceito de *homeostasia cultural*, proposto por António Damásio, defendendo que as utopias realistas, participadas e plurais que hoje parecem nortear o nosso *sistema de orientação coletiva* são o produto de um processo de homeostasia e uma ferramenta capaz de nos conduzir a uma mudança de paradigma.

UTOPIA, CULTURAL HOMEOSTASIA AND PARADIGM CHANGE

I have argued in previous works that Thomas More was what Michel Foucault claims Marx and Freud had been: a founder of discursiveness, of a way of looking at and reacting to the world; and that, just as when we return to the texts of Marx and Freud we modify Marxism and Freudianism, when we reread Utopia we modify utopianism, updating the utopian way of thinking for our day. In my speech, I propose to relate the process of evolution of the utopian way of thinking in function of the concept of cultural homeostasis, proposed by António Damásio, arguing that the realistic, participatory and plural utopias that today seem to guide our system of collective orientation are the product of a homeostasis process and a tool that can lead us to a paradigm shift.

SESSÃO PARALELA 1 / PARALLEL SESSION 1

Maria Assumpta Coimbra (IF/UP)

A (IN)EVITABILIDADE DE UTOPIAS NA ERA DOS ALGORITMOS

Vivemos num tempo de transformações anunciadas e efetivas, perante a proliferação avassalante de algoritmos que tendem a evoluir mais do que as capacidades intrinsecamente humanas. Confrontamo-nos com inovações tecnológicas disruptivas que, inevitavelmente, abrem caminho a premonições e a preconizações que projetam para um futuro melhor ou pior, isto é, (des)humano.

Nesta comunicação procura-se problematizar a situação da existência humana na contemporaneidade face ao domínio hegemónico com que as tecnologias digitais estão a subverter o modo tradicional de apropriação da Natureza e do mundo sociocultural, de pensar e materializar a presença humana. É uma era que desencadeia reptos importantíssimos para a reflexão filosófica. De acordo com a sua matriz antropológica a filosofia tem de remeter persistentemente para um (re)pensar o humano. Esta tem sido a sua tarefa epocal. E hoje, a consecução desta tarefa implica atender a outras situações e

novos desafios. Como ser humano na era dos algoritmos? Possibilidade da preponderância e superioridade das máquinas? Podemos reduzir a natureza da inteligência à explicação racional, desconsiderando o lado instintivo, inconsciente, a inteligência social, os julgamentos éticos?

Na hodiernidade reconhece-se a intervenção acrescida da filosofia capaz de criar utopias favorecedoras do Humano.

THE (IN)EVITABILITY OF UTOPIAS IN THE AGE OF ALGORITHMS

We live in a time of foretold and effective transformations in the face of the overwhelming proliferation of algorithms, which tend to evolve further than intrinsically human capacities. We are confronted with disruptive technological innovations that inevitably pave the way for premonitions and projections of a better or worse future, depending on its assumption as (in)human.

This paper aims to problematize the situation of human existence in contemporary times, regarding the hegemonic domain with which digital technologies are subverting the traditional way of appropriating Nature and the sociocultural world, as well as the way of conceiving and materializing the human presence. This era unleashes the most important challenges for philosophical reflection.

According to its anthropological matrix, philosophy has to persistently refer to a (re)conceptualization of the human; this has been its epochal task. Moreover, accomplishing this task presently involves attending to new situations and challenges. How to be human in the age of algorithms? Is machine preponderance and superiority a possibility? Can we reduce the nature of intelligence to rational explanation, disregarding the instinctive, unconscious side, the social intelligence, and the ethical judgments? Nowadays, we must acknowledge the increased aptitude of philosophy to intervene and to create utopias that foster the Human.

Valéria Ramos (UFF/Brasil)

Lucas Fernández (FDUC/Brasil)

ÉTICA DA RESPONSABILIDADE E UTOPIA IMANENTE

Nesta comunicação, pretendemos desdobrar a interceção dos termos *Ética da Responsabilidade* e *Utopia Imanente*, que povoam o cenário de diferentes domínios de saber contemporâneos.

Desdobrá-los sob a perspectiva de um pensamento radicalmente imanente, o de Gilles Deleuze; em especial, em sua imbricação genética com o próprio pensamento spinozista. Desdobramento que operar-se-ia a partir da liberação do que hoje está em via de ser legitimado pela *Comissão Internacional de Estratigrafia: Uma nova era geológica, o Antropoceno*.

Uma *nova era* que, ao se afirmar, libera, de modo necessário e implacável, sob a perspectiva filosófica aqui tomada, a imposição não de uma *utopia*, ou mesmo de uma *distopia*, ou ainda de uma *retrotopia*, mas de uma *utopia imanente*.

Tornar-se-ia, portanto, necessário ouvir as forças que povoam o meio presente, mesmo aquelas obstaculizadas pelos próprios *estados de coisa*, um *movimento real que fratura o atual*. (1)

Deste modo, inexoravelmente, seríamos levados a uma desterritorialização / territorialização do próprio conceito de *ética*, cujo resultado apontaria para a

configuração de uma *outra modalidade da ética da responsabilidade*, ultrapassando a concepção clássica, na qual os *homens* ainda se constituíam numa transcendência.

Assim, pôr em análise o que parece estar em jogo, hoje: uma outra e nova modalidade de direito. Qual seja, o direito da natureza e o dos seres não humanos. Aquele que abre, de maneira necessária e simultânea, a novas humanidades, a novos modos de vida, onde natureza, seres humanos e não humanos se relacionem numa radical imanência, sem qualquer risco de rebaixar a vida ou mesmo destruí-la.

Lídia Queiroz (IF/UP)

DOS DADOS À SABEDORIA: VISUALIZAR AS FACULDADES COMO ESPAÇOS PRIVILEGIADOS DE REALIZAÇÃO DE UTOPIAS EDUCATIVAS

Esta proposta de comunicação pretende evidenciar que as Faculdades têm um enorme potencial para serem espaços privilegiados de realização de utopias educativas e que o simples acalentar, firme e constante, desta crença é um factor decisivo para se conseguir fazer das Faculdades fortes agentes de mudança e de implementação dos objetivos da *Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável*. O desafio a que nos propusemos foi encarar os dados conhecidos (e, de um modo particular, aqueles que resultam das próprias instituições de ensino superior) e pensar que sabedoria podemos retirar deles, visualizando modos como as Faculdades podem ser efetivamente espaços que dão corpo e vida a - pelo menos alguns aspetos de - utopias educativas. A comunicação focar-se-á num plano para a Faculdade de Letras da Universidade do Porto, no qual a ética da sustentabilidade ambiental estará no centro das atenções (incorporando os objetivos 2, 3, 6, 11, 12, 13 e 15 da *Agenda* supracitada), incluindo também as vertentes da política e da cultura.

FROM DATA TO WISDOM: VISUALIZING THE FACULTIES AS PRIVILEGED SPACES FOR THE REALIZATION OF EDUCATIONAL UTOPIAS

This communication proposal intends to show that the Faculties have enormous potential to be privileged spaces for the realization of educational utopias and that the simple cherishing, firm and constant, of this belief is a decisive factor to make the Faculties strong agents of change and of implementation of the 2030 Agenda for Sustainable Development's goals. The challenge we set ourselves was to look at known data (and, in particular, those that come from higher education institutions themselves) and to think what wisdom we can withdraw from them, by visualizing ways in which Faculties can effectively be spaces that give body and life to - at least some aspects of - educational utopias. The communication will focus on a plan for the Faculty of Arts of the University of Porto, in which the ethics of environmental sustainability will be in the spotlight (incorporating objectives 2, 3, 6, 11, 12, 13 and 15 of the above-mentioned Agenda), including also aspects of politics and culture.

Carlos João Silva (IF/UP)

SOCIEDADES E CULTURAS TECNOLÓGICAS

Max Tegmark, professor no MIT, considera três etapas da evolução da vida: etapa biológica, etapa cultural e etapa tecnológica. Se as bactérias constituem um exemplo de vida apenas biológica, os seres humanos constituem exemplo daquilo que Tegmark

denomina “vida cultural”, a “vida cujo *hardware* resulta da evolução, mas cujo *software* é em grande parte planejado.” A “etapa tecnológica” da vida poderá vir a reconfigurar não só o seu *software*, mas também o seu *hardware*. Esta vida resultaria dos progressos no âmbito da “Inteligência Artificial”. Esta forma de conceber a evolução da vida na sua relação com a tecnologia conduz a diversos “cenários de consequências da Inteligência Artificial”, uns favoráveis, outros desfavoráveis à tecnologia. Uma via alternativa na forma de perspetivar as relações entre a “vida” e a “tecnologia” é a via proposta por Gilbert Simondon. Situando os objetos técnicos entre a matéria e a vida, Simondon propõe a superação da dicotomia entre o domínio do artificial e do natural por uma nova dicotomia: o abstrato *versus* o concreto. No seu processo de gradual concretização, os objetos técnicos aproximam-se dos seres naturais sem, contudo, com eles se confundirem. A superação da artificialidade pela ideia de “concretização” na forma de conceber os objetos técnicos contribui para a sua reintegração na cultura e na cidade. Se nos animais não humanos a individuação biológica é terminal, no ser humano o inacabamento biológico conduz a novas formas de individuação. O objeto técnico pode ser concebido como a extensão da vida. Será através do objeto técnico que a vida poderá ascender ao regime de individuação psicossocial. Seguindo uma lógica de “protesização”, propõe-se, em alternativa ao conceito de “Inteligência Artificial”, o conceito de “Inteligência Humana Amplificada”. A presente proposta sustenta, pois, a fusão e o sincronismo das três etapas da evolução da vida mencionados por Tegmark.

TECHNOLOGY AND HUMAN ODYSSEY

Max Tegmark teacher at MIT, considers three stages of life evolution: biological, cultural and technological stage. If bacteria are just an example of “biological life”, humans are an example of “cultural life”, according to Tegmark. At this stage of life, “hardware” results from the evolution, but “software” is planned. Technological stage of life may reconfigure not only your “software”, but your “hardware” as well. This life will result from progress in “artificial intelligence”. That way of conceiving life in its relation to technology leads to several scenarios of consequences of artificial intelligence, some in favour, and others against technology. An alternative way of looking at the relationship between life and technology is that proposed by Gilbert Simondon. Placing the technical objects between matter and life, the author proposes to overcome the dichotomy between the domain of the artificial and the natural by a new dichotomy: the abstract versus the concrete. In their process of gradual “realization”, technical objects approach natural beings without, however, being confused by them. Overcoming artificiality by the idea of “concretization” in the way of conceiving technology, contributes to its reintegration into culture and into the city. In nonhuman animals life is terminal, but in humans the biological unfinished leads to new forms of biological individuation. So, the technical object can be conceived as the extension of life. It will be through them that life can ascend to the regime of psychosocial individuation. Following a prosthesis logic, it is proposed, as an alternative to the concept of “artificial intelligence”, the concept of “amplified human intelligence”. Such a logic supposes the fusion and the synchronization of the three stages of life evolution referred by Max Tegmark.

SESSÃO PARALELA 2 / PARALLEL SESSION 2

Pedro Neto (FAUP)

Eduardo Silva (FAUP)

VISUAL SPACES OF CHANGE: METODOLOGIA DE ESTUDO E COMUNICAÇÃO DA CIDADE E DA PAISAGEM URBANA ATRAVÉS DA FOTOGRAFIA DOCUMENTAL E ARTÍSTICA DE ARQUITECTURAS, CIDADES E TERRITÓRIOS

Este ensaio aborda o primeiro caso de estudo do projecto de investigação Visual Spaces of Change (VSC) e a metodologia adoptada pela sua equipa para envolver a comunidade académica das áreas da Arquitectura, Arte e Imagem assim como o público em geral num exercício de auto-reflexão e debate sobre os espaços da Área Metropolitana do Porto, tendo sido realizadas diversas apresentações públicas, conversas abertas e exposições de fotografia contemporânea relacionadas com Arquitectura, Cidade e Território com a preocupação de entender a forma como esses lugares são compreendidos e apropriados por diversos públicos. Citando Tim Davis no artigo *Photography and Landscape Studies*, a fotografia pode sugerir “novas direcções para a noção de espaços e para as formas através das quais estes podem ser percebidos e utilizados” (1989, p.8). Com base nesta ideia, o primeiro capítulo revê o estado da arte da fotografia relacionada com os imaginários da Arquitectura, Cidade e Território, estabelecendo ainda as bases para pensar nestas áreas através do filtro da investigação visual.

O segundo capítulo discute a percepção da paisagem urbana a partir dos pontos de vista do design e da arte. Seguindo o conceito de “manscape” ou “man-made landscape” proposto por Herbert Girardet no livro *The Gaia Atlas of Cities: New Directions for Sustainable Urban Living* que as “mascapes” resultam das transformações que ocorreram quando os assentamentos humanos tomaram lugar central, quando o Homem começou a reclamar espaços naturais para criar cidades (1996, p.30), abordamos não só como o Homem desenha e constrói sobre a paisagem, mas também como a paisagem pode ser uma tela em branco para a expressão artística.

O último capítulo apresenta o primeiro caso do estudo do VSC, implementado na Ci.CLO Bienal Fotografia do Porto 2019, concluindo com uma discussão e análise dos dados recolhidos à luz da teoria que sustenta o projecto.

VISUAL SPACES OF CHANGE: METHODOLOGY OF STUDY AND COMMUNICATION OF THE CITY AND THE URBAN LANDSCAPE THROUGH DOCUMENTARY AND ARTISTIC PHOTOGRAPHY OF ARCHITECTURES, CITIES AND TERRITORIES

*This paper approaches the first case study of the Visual Spaces of Change (VSC) research project and the methodology adopted by its team to engage the academic community from the fields of Architecture, Art and Image as well as the general public in an exercise of self-reflection and debate about the spaces of Porto's Metropolitan Area, having been conducted several public presentations, open talks and exhibitions of contemporary photography projects related to Architecture, City and Territory with the concern to understand the way how those place are understood and appropriated by diverse publics. Quoting Tim Davis on the article *Photography and Landscape Studies*, photography can “suggest new directions for the notion of places and for ways in which they may be perceived and used” (1989, p.8). Sustained by this idea, the first chapter reviews the state of the art of photography related to the imageries of Architecture, City and*

Territory, while also setting up the baseline for thinking through the lenses of visual research in these fields.

*The second chapter discusses the perception of the urban landscape from both the standpoints of design and art. Following the concept of “mandscape” or “man-made landscape” proposed by Herbert Girardet in the book *The Gaia Atlas of Cities: New Directions for Sustainable Urban Living* that “mascapes” are the result of the transformations that took place when human settlements took center stage, when Man started to claim natural spaces to create cities (1996, p.30), we approach not only how Man designs and builds upon the landscape, but also how landscape can be a blank canvas for artistic expression.*

*The final chapter presents VSC’s first case study, implemented in *Ci.CLO Bienal Fotografia do Porto 2019*, concluding with a discussion and analysis of the gathered data in light of the theory that sustains the project.*

Mário J. F. Mesquita (FAUP/i2ADS/CITCEM)

Afonso Castro (FAUP)

U (TOPIA) - MEMÓRIA INCOMPLETA DE UM PROJECTO IDEAL DE CIDADE E IMAGINÁRIOS URBANOS

A utopia é, por definição da esfera de pensamento thomasmoreano, um não-lugar, um sítio concreto ou abstracto que, no entre séculos XX-XXI, encontrou no espaço do imaginário e da transição radical para o universo digital, o significado e o significante, culminando, no nosso entendimento, uma perseverança intelectual milenar.

No seguimento do projecto utópico desenvolvido para o concurso internacional intitulado “Chambord Inachevé”, consideramos, no plano da cidade e do território, haver lugar para a proposta de uma nova utopia. Sugerida pela finalização do projecto renascentista do Château de Chambord, em França, o que nos propomos a reflectir, incorpora os ideais humanistas que, nesta materialização urbana específica, sob a forma de uma ilha-continente artificial, se torna capaz de albergar a população mundial na sua totalidade. Surgindo, numa era da contemporaneidade indexada a processos de desestruturação e de reflexos do fim da história, como contraponto ao apocalipse de uma Terra inabitável, tanto nos planos social e humano, ambiental e tecnológico como político e ideológico.

O posicionamento crítico que aqui pensamos ser útil catalisar, supera a geografia própria do conceito e da materialidade da “ilha”, sendo uma estrutura topográfica instável e nómada, que navega os oceanos (sugerindo a pulsão de “A Jangada de Pedra” de Saramago) albergando os “refugiados” da decadência da(s) sociedade(s) e, como arca de Noé no meio do grande dilúvio, ser um espaço de recomeço da humanidade. Em certo sentido, a condição singular de “ilha” que está na retaguarda conceptual deste ensaio, está presente na história da concepção utópica, desde a Atlântida de Platão à Utopia de Thomas More, à Ecotopia de Ernest Callenbach ou ao Cybermonde de Paul Virillo.

A nossa utopia assume-se, assim, como um ideal continuado, mas, permanentemente inacabado, de modo a incorporar as mudanças inerente à passagem da equação espaço/tempo, não esquecendo Veneza, análoga e invisível, expoente urbano de uma memória incompleta de um projecto ideal.

Graça Silva (IF/UP)

COSMOPOLITISMO, GLOBALIZAÇÃO E DEMOCRACIA

Na nossa contemporaneidade, estamos confrontados com acontecimentos de intensidades díspares e ambíguas (populismos e nacionalismos, migrações e desenraizamento, desigualdade e desemprego, catástrofes ambientais e alterações climáticas) cuja complexidade e imprevisibilidade tendem a submergir a crença de que é possível partilhar uma vida na nossa casa comum que é o planeta Terra. Efetivamente parece que a ideia de progresso tão cara à modernidade e ao cosmopolitismo que Kant expôs como crença da *perfeita unificação civil do género humano* como condição de uma *Paz Perpétua*, está longe de ser verificada; aliás, nas palavras de Marc Augé (2005), “nafragou nos recifes do século XX”. Ora, face à *hegemonia dos excessos* e da proliferação dos *não-lugares* (M. Augé, 2005) de uma cultura tecnocêntrica e imagocêntrica de consumo instantâneo, que alimenta o processo de despolarização crescente dos indivíduos e das sociedades, urge pensar de novo ou repensar o presente, porque, parafraseando Ortega y Gasset, só nos salvaremos se salvarmos as nossas circunstâncias. É este o desafio a que nos propomos neste texto.

COSMOPOLITISM, GLOBALIZATION AND DEMOCRACY

In our contemporaneity, we are faced with events of disparate and ambiguous intensities (populism and nationalisms, migration and displacement, inequality and unemployment, environmental disasters and climate change) whose complexity and unpredictability tend to submerge the belief that it is possible to share a life in our common home that is planet Earth. Indeed, it seems that the idea of progress so dear to modernity and cosmopolitanism that Kant has exposed as a belief of the perfect civil unification of the human race as a condition of perpetual peace, is far from verified; in fact, in the words of Marc Augé (2005), “it sank on the reefs of the twentieth century”. Now, in view of the hegemony of excesses, of the proliferation of non-places (M. Augé, 2005) of a technocentric and imagocentric culture of instant consumption, which feed the process of increasing depoliticization of individuals and societies, it is urgent to think again or rethink the present, because by paraphrasing Ortega y Gasset, we will only save ourselves if we save our circumstances. This is the challenge to which we propose in this paper.

João Pereira de Matos (CHAM/NOVA FCSH)

A NATUREZA ESPECULAR DOS CONCEITOS DE UTOPIA E DISTOPIA

Pode, talvez, traçar-se o contorno do conceito de *utopia* fazendo-a remontar à idealidade platónica. Nesse sentido, qualquer sistema político concreto e histórico pode ser visto como reflexo distorcido da perfeição ideal de uma utopia ou, pelo contrário, como contendo alguma virtude relativamente ao correlato inverso da *utopia* que é o conceito de *distopia*.

Dada a relevância que o conceito de *utopia* teve na história do pensamento político e a proliferação contemporânea de propostas *distópicas*, sobretudo na literatura, este *paper* propõe-se, partindo da abordagem de que há um jogo de espelhos entre utopia, distopia e a actividade política, explorar a ideia de que a dimensão *futurante* é a base para a construção de um sistema de idealidade filosófica, quer na forma de uma utopia quer na

contraproposta *distópica*, e denota a importância da modelação de paradigmas como factor estruturante para a análise e para a prática da realidade política concreta.

THE SPECULAR NATURE OF UTOPIA AND DYSTOPIA CONCEPTS

Perhaps the outline of the concept of utopia can be traced back to platonic ideality. In this sense, any concrete and historical political system can be seen as a distorted reflection of the ideal perfection of a utopia or, on the contrary, as containing some virtue in relation to the inverse correlate of utopia which is the concept of dystopia. Given the relevance that the concept of utopia has had in the history of political thought and the contemporary proliferation of dystopian proposals, especially in literature, this paper proposes, starting from the approach that there is a mirror game between utopia, dystopia and political activity, to explore the idea that the temporal dimension of the future is the basis to the construction of a system of philosophical ideality, both in the form of a utopia and the dystopian counterproposal, and denotes the importance of paradigm modelling as a structuring factor for both the analysis and the practice of the actual political reality.

SESSÃO PLENÁRIA | PLENARY SESSION

Adalberto Dias De Carvalho (IF/UP)

DAS UTOPIAS COMO PROJETOS POLÍTICOS ÀS HETEROTOPIAS COMO IDEAIS ANTROPOLÓGICOS

A desconfiança na legitimidade das utopias enquanto promessas da retórica política parece justificar a emergência das utopias como expressão da esperança de cada um e de todos num futuro melhor. Dito de uma outra maneira: da utopia como dever do poder sobre o presente de todos, em nome da promessa de um futuro melhor, mas abstrato, estaremos a passar, sob o impulso de uma esperança induzida, para a responsabilidade concreta atual, individual e coletiva, perante o poder de alguns e o medo de todos nós.

Entre a utopia e a heterotopia, entre conceitos e práticas, entre ideais e realidades, sempre na perspetiva das nossas vivências, tentaremos responder a este desafio ou tão-somente confrontarmo-nos com as problemáticas que eles nos levantam.

FROM UTOPIAS AS POLITICAL PROJECTS TO HETEROTOPIES AS ANTHROPOLOGICAL IDEALS

The distrust of utopias' legitimacy as promises of political rhetoric seems to justify the emergence of utopias as an expression of the hope of each and every one for a better future. To put it another way: from utopia as a duty of power over everyone's present, in the name of the promise of a better but abstract future, we are moving, under the impulse of induced hope, to actual, individual, and concrete responsibility, standing before the power of some and the fear of us all.

Between utopia and heterotopia, between concepts and practices, between ideals and realities, always from the perspective of our experiences, we will try to respond to this challenge or simply to confront the problems they raise.

Joaquim Escola (IF/UP/UTAD)

TECNOLOGIA E UTOPIA: UMA LEITURA A PARTIR DE PHILIPPE BRETON

A ligação entre a utopia e a tecnologia é grande. Uma plêiade de autores mais ligados à filosofia da tecnologia tem trazido à luz a estreita relação entre ambas. Na obra de Philippe Breton ambas as problemáticas se encontram de forma recorrente. O ensaísta francês, desde a obra *Petite histoire de la informatique*, passando pela *Utopie de communication*, *Explosion de la communication*, à *L'image de l'homme* medita sobre algumas das problemáticas mais importantes do século XX e XXI, como são a construção da utopia da sociedade da informação e comunicação, a génese e desenvolvimento da cibernética, a criação das entidades artificiais e as utopias mais ligadas ao progresso tecnológico e científico.

Nesta comunicação procuramos explorar a relação entre utopia e tecnologia na obra de Philippe Breton, mostrando a importância que a mesma tem na compreensão do século XX e XXI.

SESSÃO PARALELA 3 | PARALLEL SESSION 3

Isabel Araújo Branco (CHAM/NOVA FCSH)

ALEJO CARPENTIER: UTOPIA E HUMANIDADE

Esta comunicação pretende fazer uma leitura da proposta de sociedade humana e a sua ligação à utopia na obra do cubano Alejo Carpentier, em particular no romance *La consagración de la primavera* (1978). Esta narrativa abarca uma parte considerável do século XX, com os protagonistas, a russa Vera e o cubano Enrique, integrados em acontecimentos importantes da história da humanidade: a Guerra Civil Espanhola, a II Guerra Mundial e a Revolução Cubana. O texto, através da visão e experiência das personagens, apresenta uma proposta de sociedade baseada na ética e na cultura. O país caribenho assume-se simultaneamente ponto de chegada dos soldados derrotados da Guerra Civil Espanhola e ponto de partida de um novo período da humanidade, um período utópico. O título *La consagración de la primavera* é retirado de uma das mais marcantes composições de Igor Stravinsky, apresentada pela primeira vez em 1913. Para lá da intertextualidade óbvia, *Le sacre du printemps* dá-nos pistas para a leitura do romance. A peça está dividida em três partes: «Introdução», «Culto à Terra» e «O Sacrifício». No texto, facilmente podemos cruzar estes dois últimos planos em personagens como Enrique, Gaspar e Jean-Claude, na sua decisão de lutar em nome de um colectivo participando nas Brigadas Internacionais, sacrificando o seu bem-estar e até a sua vida. Afirma Igor Stravinsky: «The note functions only in the series. The form is serial, not only some or all of the musical elements that compose it. The individual note determines the form only as parts of its group or order. » Tal como a nota musical, também aquelas personagens de Carpentier sentem que fazem sentido apenas quando integradas num conjunto, no colectivo de homens que pretende cortar com o passado e construir um outro futuro, mais justo e equilibrado. É essa, aliás, a proposta do romance e o tema da nossa comunicação. Como escreve Carpentier em *Concierto barroco*, «todo futuro es fabuloso».

ALEJO CARPETIER: UTOPIA AND HUMANITY

*This paper intends to make a reading of the proposal of human society and its connection to utopia in the work of Cuban Alejo Carpentier, in particular in the novel *La consagración de la primavera* (1978). This narrative encompasses a considerable part of the twentieth century, with the protagonists, the Russian Vera and the Cuban Enrique, integrated in important events in the history of mankind: the Spanish Civil War, World War II and the Cuban Revolution. The text, through the vision and experience of the characters, presents a proposal of society based on ethics and culture. The Caribbean country is both the arrival point of the defeated soldiers of the Spanish Civil War and the starting point of a new period of humanity, a utopian period. The title *La consagración de la primavera* is taken from one of Igor Stravinsky's most outstanding compositions, first presented in 1913. Beyond the obvious intertextuality, *Le sacre du printemps* gives us clues to the reading of the novel. The play is divided into three parts: «Introduction», «Worship of the Earth» and «The Sacrifice». In the text, we can easily cross these last two planes in characters such as Enrique, Gaspar and Jean-Claude, in their decision to fight on behalf of a collective participating in the International Brigades, sacrificing their welfare and even their life. Igor Stravinsky states: «The note functions only in the series. The form is serial, not only some or all of the musical elements that make up it.» Like the musical note, those Carpentier characters also feel that they make sense only when integrated into a group of men who want to cut through the past and build a new one, more just and balanced future. This is, by the way, the proposal of the novel and the theme of our paper. As Carpentier writes in *Concierto barroco*, «todo futuro es fabuloso».*

Marco Neves (CETAPS/UP)

UM MUNDO SEM TRADUÇÃO: A UTOPIA DA LÍNGUA ÚNICA

A utopia do mundo monolíngue aparece-nos como nostalgia de um passado mitificado, cujo mais famoso exemplo é o mito de Babel, ou como ideia de um futuro desejável, em que a humanidade fale apenas uma língua. Se esta ideia aparece, frequentemente, como vago desejo pouco fundamentado, é certo que deu origem a importantes projectos de criação de línguas universais (Eco 1996). Mais recentemente, a difusão internacional do inglês aparece-nos como nova encarnação da possibilidade de uma língua universal, que poderá ser contrabalançada pela própria tecnologia de tradução automática, um outro tipo de utopia linguística (Ostler 2010). Nesta comunicação, descreverei até que ponto os projectos utópicos baseados no monolinguismo se baseiam em ideias erradas sobre a natureza da linguagem e da tradução e defenderei a protecção da diversidade linguística como fonte concreta de criatividade humana, no encontro entre a criação literária dentro de cada cultura e da sua tradução para outras línguas.

A WORLD WITHOUT TRANSLATION: THE UTOPIA OF A SINGLE LANGUAGE

The utopia of the monolingual world appears to us as nostalgia for a mythical past, the most famous example of which is the myth of Babel, or as an idea of a desirable future, in which humanity speaks only one language. If this idea often appears as a vague, unfounded desire, it is true that it has given rise to important projects for the creation of universal languages (Eco 1996). More recently, the international diffusion of English seems to be a new incarnation of the possibility of a universal language, which may be

counterbalanced by automatic translation technology, another type of linguistic utopia (Ostler 2010). In this paper, I will describe the extent to which utopian projects based on monolingualism are based on misconceptions about the nature of language and translation, and will advocate the protection of linguistic diversity as a concrete source of human creativity, in the encounter between literary creation within each culture and its translation into other languages.

Eco, Umberto. A Procura da Língua Perfeita. Lisboa: Presença, 1996.

Ostler, Nicholas. The Last Lingua Franca. London: Penguin, 2010.

Camila Vasques Mellet (FLUP/FDR-UFP/Brasil)

UMA UTOPIA REALISTA? SOLIDARIEDADE NA UNIÃO EUROPEIA EM CRISE

As instituições políticas de governança - globais ou regionais - surgidas após a Segunda Guerra têm como base comum a utopia de uma sociedade global cosmopolita, e fundamentam-se em princípios como solidariedade, abertura ao outro (hospitalidade) e proteção dos direitos humanos. O ideal cosmopolita da União Europeia se manifesta não só no recorrente uso da solidariedade como valor interno fundamental, mas também a partir do enfoque na proteção dos direitos humanos como um dos principais valores democráticos. Igualmente, os deveres humanitários de salvamento de vidas no mar e de proteção a refugiados e requisitantes de asilo têm como fundamento a solidariedade - seja como dever moral ou jurídico - baseada na humanidade do outro. Solidariedade, assim, pode ser visto como um princípio comum, que liga as instituições políticas de pretensão cosmopolita e os mecanismos de proteção humanitária, ambos surgidos no pós-1945.

O aumento substancial no fluxo de imigrantes que entraram - legal ou ilegalmente - na Europa nos últimos anos expôs as fragilidades do sistema de Dublin e as deficiências da União Europeia em lidar com emergências humanitárias no seu próprio território e fronteiras, causando o aprofundamento da crise institucional e política entre os Estados Membros. Paralelamente, medidas cada vez mais drásticas contra a imigração proveniente do Oriente Médio e África através das rotas migratórias pelo Mediterrâneo vêm sendo tomadas, como a suspensão de missões oficiais de busca e salvamento e a criminalização das organizações não-governamentais que tentam colmatar a lacuna deixada pela inação da União Europeia e dos Estados-Membros. O trabalho pretende analisar a crise político-institucional da União Europeia como uma crise de solidariedade, a partir da contradição entre o discurso político cosmopolita e a adoção de políticas pautadas no realismo defensivo, usando para tal o contexto das políticas adotadas para lidar com a crise humanitária no Mediterrâneo.

A REALISTIC UTOPIA? SOLIDARITY IN THE EUROPEAN UNION IN CRISIS

The political institutions of governance - global or regional - that emerged after World War II are based on the utopia of a cosmopolitan global society, and are grounded in principles such as solidarity, openness to the other (hospitality), and protection of human rights. The cosmopolitan ideal of the European Union manifests itself not only in the recurring use of solidarity as a fundamental internal value, but also by focusing on the protection of human rights as one of its core democratic values. Likewise, humanitarian duties to save lives at sea and to protect refugees and asylum seekers are based on solidarity - whether as a moral or legal duty - due to the humanity of the other.

Solidarity, thus, can be seen as a common principle, connecting the political institutions with a cosmopolitan ideal and the mechanisms of humanitarian protection, both of which arose after 1945.

The substantial increase in the flow of immigrants into Europe - legally or illegally - in recent years has exposed the weaknesses of the Dublin system and the European Union's inability to deal with humanitarian emergencies on its own territory and borders, leading to the deepening of the institutional and political crisis between Member States. At the same time, increasingly drastic measures have been taken against immigration from the Middle East and Africa through the Mediterranean migratory routes, such as the suspension of official search and rescue missions and the criminalisation of non-governmental organisations trying to bridge the gap left by the inaction of the European Union and its Member States. The paper aims to analyse the political-institutional crisis of the European Union as a crisis of solidarity, taking into account the contradiction between the cosmopolitan political discourse and the adoption of policies based on defensive realism, using the context of the policies adopted to deal with the humanitarian crisis in the Mediterranean.

SESSÃO PARALELA 4 | PARALLEL SESSION 4

Rui Rego (CFUL/FLUL)

ALTRUÍSMO: DEVER ÉTICO OU UTOPIA?

(A pobreza como problema moral e a argumentação de Peter Singer para a sua erradicação.)

O que pode e o que está a filosofia a fazer para atingir utopias antigas como a erradicação da pobreza? Parte da vasta obra filosófica de Peter Singer, que nos propomos analisar, é reveladora do seu empenho teórico e prático sobre este problema ético: a pobreza. Porque teremos de ajudar terceiros? Teremos um dever altruísta ou este é um ato supererrogatório, isto é, um ato além do que é moralmente exigível? Tem o altruísmo algo que ver com a nossa capacidade biológica? Parece haver algo de irracional no indivíduo que abdica do seu egoísmo e sacrifica, benevolentemente, a sua felicidade em nome da felicidade de um outro. Como entender e enquadrar eticamente o egoísmo? Para Singer deveríamos estar a fazer mais do que fazemos para retirar pessoas da pobreza extrema (*The Life You Can Save: Acting Now to End World Poverty*, 2009). Como? O autor apresenta um método para realizar essa aspiração encabeçando o movimento filosófico, económico e social do *Altruísmo Eficaz* (*The Most Good You Can Do: How Effective Altruism Is Changing Ideas About Living Ethically*, 2015).

Este filósofo visa o maior impacto positivo no mundo, asseverando que «devemos fazer o maior bem que pudermos», e o critério da decisão para agir reside em evidências quantitativas que suportem a eficácia dessa escolha na prossecução da feitura do maior bem possível. Verificar a eficácia das doações é simultaneamente um objetivo metodológico e um critério de bem na realização de um mundo sem pobreza. A filosofia de Singer visa declaradamente uma utopia humana: um mundo sem pobreza extrema e propõe-se alcançar um impacto significativo.

Bojidara Palagacheva (FLUP/University of Bari “Aldo Moro”/Italy)

RIACE: A UTOPIA OF NORMALITY

The so called SPRAR in Italy, is one of the systems used for the reception of refugees. It relies on local agencies in the organization of hospitality projects aimed to guide refugees regain their independency and rebuild a stable and dignified life. Even though the majority of the SPRAR projects present good results, one in particular became known as the “Utopia of Normality”, the small town of Riace. What makes Riace a particularly interesting case is the synergy created between what is considered to be a global situation, the refugees’ crisis, and the problems concerning strictly the small village in south Italy. Riace, due to the emigration flows, was facing the threat of becoming a ghost town, just as many other small cities in south Italy. The Riace model starts, in fact, as an urbanistic project named “Borgo dell’Accoglienza” (The City of Hospitality) aimed at the requalification and repopulation of the city. Refugees became a part of the town, not just by filling empty places left by emigration, though creating a new kind of city. Riace is a case of good practice considered to be a “model” therefore reproducible in other contexts presenting similar circumstances. Nevertheless, the Riace case presented some ongoing problematics, mostly in its relation with the national political practices. Despite of the recognition of its success, the model is attacked for being too “anomalous” due to its organization and the high number of beneficiaries. In this opposition between the “abnormality” and the “Utopia of Normality” raises once anew the question posed by Jacques Derrida about the controversial relationship between the Nation-State and the autonomy of the “cities of refuge” and the capability of the latters of opening new, unthinkable and unthought scenarios of hospitality.

Carola de Castro (FLUP/UFMG/Brasil)

Azula Marinho (PUC Minas/Brasil)

CANUDOS: A CIDADE UTÓPICA

A utopia ultrapassa o presente para conceber ou oferecer uma nova concepção de mundo. Na medida que desenha uma nova proposta de realidade, a utopia pressupõe aberturas, possibilidades outras e a defesa da liberdade. No Sertão do Brasil, no final do século XIX, a cidade de Canudos-BA foi criada, pensada, construída e habitada por uma população que desenhou uma civilidade justa e receptiva. Mesmo distantes de outras grandes cidades, viveram em Canudos 25 mil pessoas num regime comunal. Antes de Canudos, os seus habitantes encontravam-se numa situação de semiescravidão em fazendas de cultivo de café e cana, fugiam da fome; e abandonados pela república, congregaram-se para criar um espaço em que pudessem ser cidadãos. Canudos existiu durante 6 anos como uma cidade sonho. Mas foram mortos, massacrados, exterminados por uma república que não os reconhecia. A narrativa histórica que vingou, escrita pelos ‘vencedores’, refere-se a tal ‘Guerra de (contra) Canudos’ e pouco se diz sobre a Vida em Canudos. Este artigo propõe discutir a experiência de Canudos como cidade, como projeto utópico, analisando o direito à cidade, questionando o restrito privilégio de fundação das cidades na história conturbada brasileira e, principalmente, a negação do direito à utopia.

Dia 2 | 6 Dezembro 2019 / Day 2 | 6 December 2019

KEYNOTE ADDRESS

Francisco Colom González (CSIC/Madrid/Espanha)

DE LA CIUDAD COMO UTOPIA A LA UTOPIA DE LA CIUDAD

Las sociedades tradicionales no alimentaban en los individuos la expectativa de un futuro alternativo. La posibilidad de una vida distinta se ubicaba en otro mundo, no en otro tiempo. Sin embargo, en la mentalidad judeocristiana que subyace a la concepción occidental de la temporalidad, la naturaleza social de los seres humanos podrá llegar un día a realizarse plenamente aboliendo las causas de su división y conflicto. Los hombres vivirán así en común sin necesidad de política, que es el arte de vivir juntos de los seres insociables. Esta condición cuenta desde el siglo XVI con un nombre propio: la *utopía*, el *no-lugar*. Con la Ilustración y, posteriormente, con el romanticismo y el positivismo, este poso salvífico terminó por concebirse como un despliegue de la libertad en el tiempo bajo la forma del *progreso*. El tránsito desde la *utopía* (la vida colectiva plena en un lugar imaginario) a la *ucronía* (la búsqueda de esa plenitud social en otro tiempo) supuso una proyección cronológica de la emancipación social, formulada desde entonces como tiempo *por venir*. La respuesta a las dificultades del presente fue reformulada mediante una traslación en el tiempo que venía a sustituir a la vieja escatología judeocristiana. Para unos, la vida armoniosa se encontraba en un pasado que debía ser rescatado; para otros, la iluminación de la razón guiaría a la Humanidad en una progresión hasta alcanzar un futuro perfecto. Sin embargo, para aquellos que aceptaron la política como medio inevitable de gestión de la vida colectiva, el marco espacial de su desarrollo tuvo una importancia decisiva. En esta conferencia me propongo rastrear la percepción de la ciudad como forma óptima de sociabilidad en la Antigüedad clásica y el Renacimiento, así como la progresiva pérdida de su componente humanista con la irrupción de las teorías urbanísticas del modernismo, que en muchos casos se han abandonado a diseños que constituyen en realidad utopías anti-urbanas.

FROM CITY AS UTOPIA TO THE UTOPIA OF THE CITY

Traditional societies did not nourish in the individuals the expectation of an alternative future. For them, the possibility of leading an alternative life lay in a different world, not in a different time. According to the Judaeo-Christian mentality that has shaped our understanding of time, human social nature will be completely fulfilled when the reasons for social conflict and division are abolished. The human beings will then live together without the need of politics, which is the art for unsociable beings to live in common. Since the sixteenth century, this imagination has a proper name: utopia, no-place. With the Enlightenment, and later under the influence of Romanticism and Positivism, this salvific undertone was reframed as the historical deployment of freedom in the form of progress. The transition from utopia (a fulfilled collective life in an imaginary place) to uchronia (the search for social plenitude in a different time) thus turned into a chronological project of social emancipation. Ever since human liberation has been imagined as a time-to-come, and the response to present situations substituted for a projection into the future. For some, the good life was to be found in a distant past that had be retrieved; for other, the light of reason would guide the human race towards a

more perfect future. However, for those who accepted the inevitability of politics as a means for managing life in common, its spatial realm was of utmost importance. The aim of this presentation is to trace the idea of the city as the optimal form of sociability in Classical Antiquity and the Renaissance, and the progressive loss of its humanistic component in Modernist urbanistic theories, which in many cases have embraced designs that are rather anti-urban utopias.

SESSÃO PARALELA 5 | PARALLEL SESSION 5

Adelino Ferreira (CHAM/NOVA FCSH)

IMPOSSIBILIDADE DA ÉTICA DO CUIDADO DE SI HOJE? UMA UTOPIA DE MICHEL FOUCAULT PARA O SUJEITO CONTEMPORÂNEO

Foucault descreve o século I como a era de ouro da cultura do cuidado de si, tornada possível pela cultura helenístico-romana, com o especial contributo do estoicismo, mas herdeira da longa tradição cultural desde Pitágoras e Platão. Nesse século prosperou um modelo de cuidado de si centrado no indivíduo, apelando à atenção a si, estrategicamente defensivo a ponto de criar uma subjetivação resistente às adversidades, uma armadura para preservar o próprio si, mas sem perder a vinculação à cidade, respeitando as leis e as tradições. Desde então, afirma Foucault, nunca mais foi possível constituir outra ética do cuidado de si, apesar de algumas tentativas fragmentadas ao longo da Modernidade. No curso de 1981-1982, *L'herméneutique du sujet*, ao referir-se àquele modelo cultural do cuidado de si, Foucault lança enigmáticamente este paradoxo: apesar da “impossibilidade”, continua a ser hoje uma “tarefa urgente, fundamental, politicamente indispensável” de “constituir uma ética do si”. Entendemos que a configuração daquela ética da Antiguidade, apesar de desejavelmente irrepetível (tese de Foucault), se transformou numa interpeladora utopia ética para nós, hoje, herdeiros culturais dos gregos e romanos que os mantém no imaginário civilizacional. Seguindo algumas pistas deixadas por Foucault numa das suas últimas entrevistas, *L'éthique du souci de soi comme pratique de la liberté* (Dits et écrits II, n.º 356), defendemos a necessidade desta interpelação utópica, ainda que talvez não seja mais do que isso mesmo: - será hoje possível uma nova configuração ética do cuidado de si, centrada no retorno do sujeito a si mesmo, expresso em modalidades de subjetivação defensivas, perante formas complexas de erosão consentida ou constringida da liberdade? Mas como exercer esse retorno a si? De que técnicas do si (de subjetivação) poderemos dispor? Portanto, talvez apenas nos reste remediar com paliativos a impossibilidade duma efetiva ética do cuidado de si...

TODAY'S IMPOSSIBILITY OF THE CARE OF THE SELF ETHICS? A MICHEL FOUCAULT'S UTOPIA FOR THE CONTEMPORARY SUBJECT

Foucault describes the 1st. Century A.C. as the golden era of the culture of the care of the self, made possible by the Hellenistic and Roman Culture, with the special contribute of the Stoicism, yet a long cultural tradition legacy since Pythagoras and Plato. In that century a model of the care of the self-prospered, focused on the individual, drawing the attention to himself, strategically so defensive that he could create a resistant subjectivation against the adversities, an armour to preserve the self, without losing the connection to the city, respecting the laws and traditions. Since then, Foucault says, it

has never been possible to create another Ethics of the care of the self, despite many fragmented efforts throughout the Modernity. Particularly in the lectures of 1981-1982, The Hermeneutics of the Subject, referring to that cultural model of the care of the self, Foucault left us enigmatically this paradox: despite the “impossibility”, today, an “urgent, fundamental, politically indispensable task” encourages the constitution of an Ethics of the self”. We believe that the configuration of Antiquity’s Ethics, despite being preferably unrepeatable (Foucault’s thesis), has become an ethical utopia interpellator for us, culturally inheritors of the Greeks and Romans, that keep them in the civilizational imaginary. Following some leads left by Foucault in one of his last interviews, The Ethic of the care of the self as practice of freedom (DE II, 356), we defend the need of this utopic interpellation, even though it may be no more than that: - will it be possible a new configuration of the Ethics of the care of the self, focused on the subject’s returning to himself, expressed on defensive subjectivation modalities, faced with complex forms of consented or constrained freedom erosion? But, how to practise that returning to himself? What kind of techniques of the self (of subjectivation) are available? In the end, maybe the only way is to remedy with palliatives the impossibility of an effective Ethics of the care of the self...

Ana Carina Vilares (IF/UP)

IDENTIDADE, RECONHECIMENTO E UTOPIA POR UMA ÉTICA ANTROPOLÓGICA DA JUSTIÇA

Na obra *Igualdade e parcialidade: bases éticas da teoria política* (1991), Thomas Nagel levantou a seguinte suspeita: «uma combinação politicamente estável de igualdade com liberdade e democracia exigirá uma transformação da natureza humana bastante maior do que aquela que é razoável esperar ou exigir.» Para começar, é importante revelar que, para Nagel, o principal problema da filosofia política não reside na relação do indivíduo com a coletividade, da sua identidade com a coletividade, mas na relação do indivíduo consigo mesmo. Este problema ético-político advém da própria complexidade da natureza humana e da sua disposição, atitude, para o reconhecimento dos valores morais. Deste modo, consciente da distinção estabelecida por alguns teóricos do liberalismo político entre os valores morais que regem a vida privada e os valores políticos que sustentam a vida pública, a presente comunicação pretende repensar essa distinção, propondo um diálogo ético mais reflexivo entre o que se é na vida privada e o modo como agimos na vida pública. Esta proposta pode assim abrir um caminho mais utópico para as hodiernas teorias do reconhecimento, de Honneth a Fraser, distendendo assim o sentido de comunidade às demandas da justiça.

IDENTITY, RECOGNITION AND UTOPIA FOR AN ANTHROPOLOGICAL ETHICS OF JUSTICE

In Equality and Partiality: The Ethical Basis of Political Theory (1991), Thomas Nagel raised the following suspicion: “a politically stable combination of equality with freedom and democracy will require a far greater transformation of human nature than is reasonably expected or required.” For the beginning, it is important to reveal that, for Nagel, the main problem of political philosophy lies not in the relation of the individual to the collectivity, of his identity with the collectivity, but in the relation of the

individual to himself. This ethical-political problem stems from the very complexity of human nature and on its disposition, or attitude, to recognize moral values. Conscious of the distinction made by some theorists of political liberalism between the moral values that govern private life and the political values that sustain public life, this intervention intends to rethink this previous distinction, proposing a more reflective ethical dialogue between what we are in private life and the way what we act in public life. This proposal can thus open a more utopian path for today's theories of recognition, from Honneth to Fraser, thus distending the sense of community to the demands of justice.

Irândina Afonso (FLUP)

QUANDO O “IRREAL” É ATUAL: O GÊNERO NÃO-BINÁRIO COMO CONDIÇÃO NECESSÁRIA PARA SIGNIFICAÇÃO DO HUMANO

As sociedades imaginadas mantêm a impressão digital da sociedade atual - as convenções, tensões, aspirações são evocadas, equacionadas, reformuladas segundo experiências de pensamento que propõem outros ângulos de reflexão. Esta latência da realidade sob o irreal é uma mais-valia do pensamento utópico porquanto o que é fantasiado explicita os limites do que é considerado real, e essa explicitação convoca uma oportunidade para (re)significar e desarticular limites. A ficção científica pode proporcionar diálogos filosóficos sobre o que é considerado viável, conforme, inteligível. Ursula Le Guin descreve em *The Left Hand of Darkness* uma sociedade alienígena onde o gênero não é fixado à nascença, nem é imutável ao longo da vida. Esta sociedade é analisada por um investigador humano, logo, a partir da conceção de gênero fixo (aberrante para os nativos) e de um referencial social, político e cultural diverso. Revela-se uma ocasião para problematizarmos a identidade de gênero a partir do gênero não-binário - estará o gênero binário no centro da identidade, ou existirá nesta um estrato de indefinição de gênero? Que ameaça à vida pode sofrer quem não vive o gênero segundo as normas? É o gênero um requisito para considerar-se uma vida real ou irreal (ou, noutra palavra, viável)? Recorrendo a estudos da filósofa Judith Butler, explora-se o entendimento que estas perguntas solicitam. Pensar utopicamente é também pensar a diferença como condição de possibilidade para o reconhecimento e entendimento entre pessoas. O que se apelida de “novo”, “irreal” está, afinal, inscrito em modos de vida que resistem ao enquadramento normativo, que requerem inteligibilidade da sua diferença. Utopia, gênero não-binário, realização, política são, nesta proposta, termos interacionais para pensar a vida e a morte - e a partir do momento em que este pensar se traduz numa organização da vida, em acordos sobre o valor de vidas, modos de protegê-las da violência ou, ainda, no experienciar de novos valores, encontramos uma insubstituível convergência entre questões filosóficas e efetivas transformações sociais.

WHEN THE “UNREAL” IS ACTUAL: NON-BINARY GENDER AS A NECESSARY CONDITION FOR THE SIGNIFICATION OF THE HUMAN

Imagined societies retain the fingerprint of today's society - conventions, tensions, aspirations are evoked, equated, reformulated according to thought experiences that propose other angles of reflection. This latency of reality under the unreal is an asset of utopian thinking because what is fantasized exposes the limits of what is considered real, and this exposure calls for an opportunity to (re)signify and disarticulate boundaries.

*Science fiction can provide philosophical dialogues about what is considered viable, conforming, intelligible. Ursula Le Guin describes in *The Left Hand of Darkness* an alien society where gender is neither fixed at birth nor immutable throughout life. This society is analysed by a human researcher, therefore, from the conception of fixed gender (aberrant to the natives) and from a diverse social, political and cultural framework. Here stands an occasion to problematize gender identity from non-binary gender - is binary gender at the centre of identity, or is there a stratum of gender vagueness? What threat to life can those who do not live according to norms suffer? Is gender a requirement for designating any life as real or unreal (or, in other word, viable)? Drawing on the investigations by philosopher Judith Butler, we explore the comprehension that these questions require. To think in utopian ways is also to think of difference as a condition of possibility for recognition and understanding between people. What is called “new”, “unreal” is, after all, already inscribed in ways of life that resist the normative framework, which require intelligibility of their difference. Utopia, non-binary genre, realization, politics are, in this proposal, interactional terms for thinking life and death - and from the moment that that thinking translates into organization of life, agreements on the value of lives, ways in protecting them from violence, and in experiencing new values, we find an irreplaceable convergence between philosophical issues and effective social transformations.*

SESSÃO PARALELA 6 | PARALLEL SESSIONS 6

João Rebalde (IF/UP)

ECOTOPIAS: A CIDADE E A EMERGÊNCIA ECOLÓGICA

As crescentes preocupações ecológicas decorrem da evidência da degradação e alteração das condições ambientais. O aumento da população e da concentração urbana, a exigência de novos recursos naturais e soluções técnicas, colocam as cidades no centro de uma reflexão que se estende a diversas áreas e que visa tornar compatível a vida atual com as exigências ecológicas, ao mesmo tempo que procura dar resposta ao ideal de ecossustentabilidade ou até a formas mais amplas de uma visão holística da relação do ser humano com a cidade e a natureza. Neste contexto surgem cada vez mais novas utopias aplicadas à ecologia, apoiadas entre uma reformulada ideia de fim do mundo e de ficção científica, que expressa de modo geral um otimismo nas possibilidades da técnica como salvação para os problemas.

No nosso estudo pretendemos interrogar precisamente 1) o valor das novas utopias ecológicas; 2) a possibilidade do ideal científico-técnico como salvação; e 3) o lugar da ética e da educação na construção de um novo paradigma.

Giuseppa M. Spenillo (IF/UP)

CIDADE E RESPONSABILIDADE AMBIENTAL - PENSAR UMA ÉTICA PARA A TERRA

O tema da responsabilidade ambiental mostra-se de importante relevância ética num mundo que convive com dificuldades crônicas relativas à degradação do meio ambiente como resultado de um padrão de vida incitado por um modelo de produção e consumo industrial altamente poluidor. Esta condição, planetária, do estar no mundo hoje exige

respostas das ciências contemporâneas, no sentido de rearranjar o atual modelo de produção e de consumo humano. Exige, também, respostas políticas - tanto para os governos como para as sociedades civis - que estabeleçam novos marcos reguladores para as práticas sociais. E constitui fortemente um problema filosófico, uma vez que as transformações científico-tecnológicas e político-sociais demandam reformulações conceptuais que sustentem uma nova forma ética de pensar, nem etnocêntrica nem antropocêntrica. Uma nova forma de pensar que nos implique na coragem filosófica (Vialatoux, 1982) para acionar uma razão capaz de projetar a utopia. Esta utopia, a de uma ética para a terra, desafia-nos a “pensar como uma montanha”, conforme propôs Aldo Leopold (2008), e desafia-nos, também, a agir sobre a cidade para nela descobrir os muitos sentidos silenciados (Lefebvre, 2012) pelo modelo capitalista vigente, que nos afasta da construção utópica acerca dos valores de uso da cidade, do ambiente, da convivência humana numa sociedade urbana.

CITY AND THE ENVIRONMENTAL RESPONSIBILITY - THINKING AN ETHICS FOR THE EARTH

Environmental responsibility is of important ethical relevance in a world that lives with chronic difficulties related to the environmental degradation as a result from a standard of living incited by a highly polluting industrial production and consumption model. This planetary condition of being in the world today requires answers from contemporary sciences, in the sense of rearrange the current model of production and human consumption. It also requires political answers - both for governments and civil societies - that establish new regulatory frameworks for social practices. But it is, specially, a strongly philosophical problem, since scientific-technological and political-social transformations require conceptual reformulations that support a new ethical way of thinking, neither ethnocentric nor anthropocentric. A new way of thinking that implies us in a philosophical courage (Vialatoux, 1982) to activating a capable reason of designing utopia. This utopia, that one of an ethics for the earth, challenges us to “think like a mountain”, according to Aldo Leopold (1949); also challenges us to act on the city to discover the many muted senses by the current capitalist model (Lefebvre, 2012), that moves us away from utopian construction about the city values of use, about the environment, and about the human coexistence in an urban society.

António Martins Gomes (CHAM/NOVA FCSH)

A UTOPIA INDUSTRIAL DE SALAZAR EM A LÃ E A NEVE, DE FERREIRA DE CASTRO

Em 1516, Thomas More abre caminho à proeminência de grandes utopias político-sociais no pensamento ocidental: Babeuf esboça o comunismo no século XVIII, Bakunin propaga o anarquismo no século XIX, e Mussolini põe em marcha o fascismo no século XX. No rescaldo da II Guerra Mundial, fome, miséria e morte grassam numa Europa sob escombros; Portugal, além de resistir a esta devastação global, sustém o seu nível económico graças a uma política de neutralidade conduzida pelo Estado Novo. Em 1947, Ferreira de Castro publica *A Lã e a Neve*, um romance que acompanha a vida de Horácio, um bucólico pastor de ovelhas que opta por ser tecelão numa cidade industrial; nesta obra, o autor ficciona a Covilhã como um espaço utópico assente na concórdia entre patrões e operários da indústria de lanifícios, e tanto as personagens como o narrador testemunham *in loco* como

desponta uma vida mais condigna para o operariado fabril sob os efeitos práticos de duas leis laborais promulgadas pelo Estado Novo, na década de 30: o *Estatuto do Trabalho Nacional* e o *Contrato Colectivo de Trabalho*. Ferreira de Castro narra o modo exemplar como todas as fábricas de lanifícios aplicam os novos regulamentos sobre os direitos dos trabalhadores, relativos a horas de trabalho e descanso, idades de admissão, higiene e segurança, progressão na carreira, protecção do operariado feminino, construção de casas económicas, ou situações de desemprego e invalidez. Numa cidade do interior, uma utopia industrial emerge como modelo alternativo ao pandemónio e desespero existentes numa Europa pós-guerra: o trabalho fabril cresce e os salários são pagos regularmente. Reina a ordem numa nação pacata, sem greves ou controlos sindicais, em plena sintonia com a estratégia engendrada por António Ferro, mentor do regime fascista de Salazar, para a sua máquina tentacular de propaganda política...

SALAZAR'S INDUSTRIAL UTOPIA IN THE WOOL AND THE SNOW, BY FERREIRA DE CASTRO

*In 1516, Thomas More paved the way for the prominence of some great political utopias in Western thought and society: Babeuf outlined communism in the 18th century, Bakunin propagated anarchism in the 19th century, and Mussolini started fascism in the early 20th century. At the end of World War II, hunger, misery and death raged all over a Europe in rubble; Portugal, besides resisting this global devastation, sustained its economic level owing to a policy of neutrality led by the Estado Novo. In 1947 Ferreira de Castro publishes *The wool and the snow*, a novel that tells the life of Horacio, a bucolic shepherd who chooses to be a weaver in an industrial city; in this novel, the author frames Covilhã as a utopian city based upon harmonious relations between employers and employees in the wool industry, and both the characters and the narrator testify in loco that a more dignified life for the working class is already beginning under the practical effects of two laws promulgated by the Estado Novo in the 1930s: the National Labour Statute and the Collective Labour Agreement. Ferreira de Castro describes the exemplary way all wool mills enforce the new employment standard laws covering issues in work and rest hours, ages of admission, hygiene and safety, career advancement, protection of female workers, housing affordability, unemployment and incapacity. In a country town, an industrial utopia emerges as an alternative model to the pandemonium of a post-war hopeless Europe: the factory work was increasing, and wages were duly paid. There was order in a quiet nation, free of strikes and seditious Unions, much in line with the strategy outlined by António Ferro, mentor of Salazar's fascist regime, for their tentacular propaganda machine.*

SESSÃO PLENÁRIA | PLENARY SESSION

Domingo García-Marzá (Universitat Jaume I/Espanha)

LA PERSPECTIVA ÉTICA: ENTRE LA CRÍTICA Y LA UTOPIA

La ponencia tiene como objetivo aclarar la diferencia entre la perspectiva crítica y la perspectiva utópica y defender cómo la perspectiva ética puede presentar, justificar y aplicar una idea de justicia, la idea de una sociedad justa, sin renunciar a la fundamentación de sus criterios de validez y sin caer en ningún tipo de utopismo. Con este fin, se apoya en los trabajos de K. O. Apel y J. Habermas y propone una democracia de

doble vía como ejemplo de una democracia radical que tiene en la participación su lugar central.

THE ETHICAL PERSPECTIVE: BETWEEN CRITICISM AND UTOPIA

The paper aims to clarify the difference between the critical perspective and the utopian perspective and defend how the ethical perspective can present, justify and apply an idea of justice, the idea of a just society, without renouncing the foundation of its validity criteria and without falling into any kind of utopianism. To this end, we rely on the work of K. O. Apel and J. Habermas and propose a two-way democracy as an example of a radical democracy that has its central place in participation.

João Maria André (IEF/UC)

DAS UTOPIAS DO RENASCIMENTO À CRISE DAS UTOPIAS E AO SEU RENASCIMENTO

Nesta comunicação, começamos por rastrear a emergência das utopias no Renascimento e por caracterizar as suas duas principais linhas genealógicas (uma de inspiração mais laica baseada no conceito de felicidade e numa análise das condições reais e possíveis da existência humana e outra de inspiração mais religiosa, baseada no conceito de reino e em místicas milenaristas). Tipificaremos depois essas utopias a partir de algumas das suas características e da respetiva tonalidade. Seguir-se-á a análise de alguns fatores que levaram à crise das utopias no final do século XX, passando à explicitação de algumas das utopias mais representativas na atualidade, identificando as suas preocupações e os principais traços que as definem. Merecer-nos-ão especial atenção as utopias subsumidas no conceito de retrotopia (Bauman) e as utopias do pensamento pós-humanista, do pensamento animalista, e do pensamento dialógico e cosmopolita. Delas retiraremos a conclusão de que o “espírito da utopia”, longe de ter morrido, renasce, afinal, das suas cinzas como a própria Fénix.

FROM RENAISSANCE UTOPIAS TO THE CRISIS OF UTOPIAS AND TO ITS RENAISSANCE

In this paper, we begin by tracing the emergence of utopias in the Renaissance and by characterizing their two main genealogical lines (one with a more secular inspiration based on the concept of happiness and an analysis of the real and possible conditions of human existence, and another with a more religious inspiration, based on the concept of kingdom and on millenarian mystics). We will typify these utopias by some of its characteristics and its tone. This will be followed by an analysis of some factors that led to the crisis of the utopias at the late twentieth century, and an explanation of some of the most representative utopias today, identifying their concerns and the main defining traits. Special attention will be given to the utopias subsumed in the concept of retrotopia (Bauman) and the utopias of post-humanist thinking, animalistic thinking, and dialogical and cosmopolitan thinking. Parting from them we will draw the conclusion that the "spirit of utopia", far from having died, is finally reborn from its ashes like the Phoenix.

SESSÃO PARALELA 7 | PARALLEL SESSION 7

Gonçalo Marcelo (CECH/UC)

UTOPIA E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Esta comunicação pretende analisar a relação entre as utopias e a transformação social. Partindo da noção de utopia como função constitutiva do imaginário social e da tessitura simbólica, normativa e narrativa, das nossas sociedades, o objetivo será o de mostrar como a “função utópica” se encontra em narrativas que visem alterar a estrutura simbólica da sociedade e, assim, eventualmente contribuir para que ela se torne mais justa. Explicar-se-á a ancoragem epistémica desta função na de conflito de interpretações aplicado à realidade social e dar-se-ão exemplos da forma como estas narrativas utópicas podem ter o impacto de quebrar a ditadura do dado e mostrar possibilidades diferentes para a ação humana.

UTOPIA AND SOCIAL TRANSFORMATION

This presentation aims at analyzing the relation between utopias and social transformation. Starting from the notion of utopia as a constitutive function of the social imaginary and of the symbolic fabric - at once normative and narrative - of our societies, the goal will be to show how the “utopian function” is to be found in narratives that aim to change the symbolic structure of societies and thus contribute to make them more just. I will explain how this function is epistemically rooted in the conflict of interpretations applied to social reality and provide examples of the way in which these utopian narratives can overcome the stranglehold of the given and display different possibilities for human action.

Pablo Sánchez León (CHAM/NOVA FCSH)

PRESENTE UTÓPICO. ORDEN, CIUDADANÍA Y EL ESTATUS DE LA UTOPIA DE LA CONCEPCIÓN DEL TIEMPO MODERNA A LA POSMODERNA

Esta comunicación aborda los cambios en el pensamiento utópico tras la caída del Socialismo soviético y el auge de la globalización, desde la proyección de un orden planificado a una sociedad totalmente sin planificar. El estudio sitúa esta sustitución en la estela del declive de las concepciones modernas del tiempo centradas alrededor de la proyección de un futuro futurista. Tras abordar las limitaciones del enfoque actual alternativo de este formato de temporalidad –el llamado presentismo– el paper aísla una genealogía dual en la imaginación utópica: una línea que arranca del Renacimiento y se basa en el seguimiento de normas y leyes por parte de agentes auto-determinados, y otra que comienza con la economía política del siglo XVIII y se funda en la visión de un orden espontáneo puesto en marcha por individuos auto-referenciales. La noción de tiempo sincrónicos que se destila de esta segunda es a continuación relacionada con un viraje más profundo en el estatus de la utopía que comporta una creciente difuminación de sus fronteras con la ideología capitalista hegemónica en la actualidad. Se ofrecen como conclusión algunas reflexiones acerca de la relevancia de los tratamientos anacronísticos del pasado para una política consciente del valor de un futuro cualitativamente diferente del presente.

UTOPIAN PRESENT. ORDER, CITIZENSHIP AND THE STATUS OF UTOPIA FROM MODERN TO POSTMODERN CONCEPTIONS OF TIME

This paper deals with the changes in utopian thinking since the demise of Soviet Socialism and the rise of globalization, from the projection of a planned order to a totally unplanned society. The study places this substitution in the wake of the decline of the modern conception of time centered around the projection of futurist future. In dealing with the limitations of current accounts of its alternative –presentism– the text isolates a dual genealogy in utopian imagination: one starting in the Renaissance and that projects the following of rules and laws by self-determined agents, and the one starting with 18th-century political economy and founded on the vision of a spontaneous order run by self-referential individuals. The synchronic time stemming from the latter is related with a deeper shift in the status of utopia that involves the blurring of its boundaries with hegemonic capitalist ideology. As epilogue, some remarks are offered on the role of anachronistic accounts of the past for a politics of the future.

Leonor Santa Bárbara (CHAM/NOVA FCSH)

OS FEACES E A SOCIEDADE IDEAL

As aventuras de Ulisses, na *Odisseia*, terminam com a sua chegada à ilha dos Feaces. Daí ele será levado para Ítaca onde, no período de alguns dias, conseguirá recuperar a casa, a mulher e o poder, chacinando os pretendentes. Ao longo do poema, o herói visita diversas regiões, habitadas por populações com costumes distintos dos que conhecia. Com a sua chegada à ilha dos Feaces, o poeta apresenta-nos uma sociedade próxima da dos Gregos, na medida em que respeitam os mesmos valores e possuem um sistema político idêntico. No entanto, os Feaces apresentam algumas diferenças que os tornam únicos. Estas estão relacionadas, por um lado, com o modo como praticam certos valores, como o da hospitalidade; por outro, com a sua situação no Mediterrâneo, antes e depois da passagem de Ulisses pela ilha. Na descrição que deles é feita, primam pelas suas qualidades políticas e sociais. No entanto, assim que Ulisses é deixado em Ítaca, um enorme rochedo oculta a ilha, afastando-os para sempre de qualquer tipo de relação com o resto do mundo, como se a menção a este povo servisse apenas para mostrar uma possível sociedade ideal.

O objectivo desta comunicação é analisar o episódio de Ulisses na ilha dos Feaces, tendo em conta as qualidades que os distinguem dos Gregos e os tornam únicos, questionando simultaneamente até que ponto poderemos estar perante uma sociedade utópica *avant la lettre*.

THE FEACES AND THE IDEAL SOCIETY

Odysseus' adventures, in the Odyssey, end with his arrival at the Phaeacians' island. Then he was taken to Ithaca where, within a few days, he recovered his house, his wife and his power, slaughtering the suitors. Through the poem, the hero visits different regions, inhabited by people with distinct habits than those he was familiar with. When he arrives at the Phaeacians, the poet presents us a society close to the Greek one, as they respect the same values and have a similar political organisation. However, the Phaeacians have some differences towards the Greeks that make them unique. These differences are related, on the one hand, with the way they act according to certain values, as the

hospitality; on the other hand, they are related with their situation in the Mediterranean Sea, before and after Odysseus' arrival to the island. In the description we have in the poem, they excel by their political and social qualities. Yet, as soon as they leave Odysseus in Ithaca, a huge rock hides the island, for ever leaving them with no relation with the rest of the world, as if the mention to this people were a way of showing an ideal society.

This paper intends to critically analyse the episode of Odysseus in the Phaeacians island, taking into account qualities distinguishing them from the Greeks and making them unique, simultaneously questioning whether they are a utopic society avant la lettre.

SESSÃO PARALELA 8 | PARALLEL SESSION 8

Danielle de Castro-Mansano (FLUP)

BANKSY: ARTE COMO RETÓRICA POLÍTICA

Banksy abalou o espaço público-privado ao debater arte, ideologia e política internacional. Com o trabalho do grafiteiro anônimo em foco, buscamos entender o poder retórico e persuasivo do *street art*. Como um grafiteiro tornou a arte de rua um fetiche entre colecionadores ao argumentar contra as práticas do mercado e as autoridades da área? O que dizem os trabalhos de Banksy e como é estabelecida essa oratória com tantas imagens e tão poucas palavras? Como a retórica estética da arte de guerrilha foi capaz de convencer o sistema que combatia a aceitar um artista anônimo como exceção às próprias regras desse sistema? Neste material, por meio da retórica latina, da dialética erística e de teorias da comunicação e da arte (discurso, semiótica cultural e psicologia da arte), discutimos a proposta de retórica política presente em Banksy a partir de uma amostra de sua obra. Buscamos assim avaliar o fenômeno retórico que abalou cidades e o museus nos últimos 30 anos, gerando um significativo e peculiar debate filosófico sobre arte, ideologia e política internacional.

BANKSY: ART AS POLITICAL RHETORIC

Banksy rocked public and private space with a debate about art, ideology and international politics. We analyzed some of his graffiti to understand the street art's retoric power. How a street artist becomes a fetish between collectors just arguing against the art market rules and art specialists? What say their graffiti and how is set his oratory with so many images and so rare words? How this art was able to persuade the system that used to fight against? This material, by the latin rethoric, eristic dialectic and communication and art theories (discurse, semiothics and psicology), discuss a proposal of political rethoric existent in Banksy. The central point was to understand this phenomenon that has provoked cities and museuns in this last 30 years, feeding a significant and peculiar debate about art, ideology and international politician.

Cláudio Carvalho (IF/UP)

MELANCOLIA E UTOPIA. BURTON E A REORDENAÇÃO DO ESPAÇO URBANO.

Do ponto de vista da história das ideias, a frequente omissão da utopia apresentada por Robert Burton no prefácio da sua *Anatomy of Melancholy* [1621] é questionável. Trata-se da primeira utopia originalmente escrita em língua inglesa e predecessor de utopias seculares e não-comunistas. Nesta comunicação irei também explorar como tal desconsideração -por vezes justificada pela limitada representatividade da utopia no seio da obra monumental em que se insere, outras pela auto-descredibilização irônica do autor-, também ignora aspetos cardinais do forte vínculo entre a disposição melancólica e o impulso utópico.

A utopia de Burton é concebida na intersecção de vários paradoxos, todos eles relacionados com o reverso da frustração melancólica relativamente a uma ordem ausente ou perdida e a “retirada de um mundo desanimador” (Babb 1951: 184), nomeadamente a imaginação exacerbada tradicionalmente expressa nos sonhos reveladores e nas criações poéticas (Schleiner 1991). Apesar do seu voluntarismo inerente, a “poetical commonwealth” de Burton -pode ser considerada um sintoma melancólico. Ela procura detalhar as condições sociais e políticas por forma a suprimir a melancolia: “tornando o luto impossível ou pelo menos instigando aversão face ao mesmo (Lepenies 1969: 36). Burton procede de um diagnóstico detalhado da ordem política e económica actuais, mas de modo a agitar assunções enraizadas da observação de primeira ordem, procura magnificar e satirizar a (des)ordem atual. 3) A utopia de Burton é acompanhada de um estudo comparativa das cidades antigas e contemporâneas e, contrastando com o humanismo que predomina na restante *Anatomy*, parte de uma antropologia negativa que considera as imperfeições morais inerentes aos homens. Ainda assim, a solitária e desapaosada observação que suscita os sonhos e escrita utópicos é mais que um recetáculo do descontentamento e ressentimento, um vínculo nostálgico; retém os princípios da realidade atual de modo a reconhecer a lógica generativa da nova cidade.

MELANCHOLY AND UTOPIA. BURTON AND THE REORDERING OF THE URBAN SPACE.

From the standpoint of the history of ideas, the frequent omission of the utopia presented by Robert Burton at the preface of his Anatomy of Melancholy [1621] is questionable. It was the first utopia originally written in English language and a predecessor of the secular and non-communist utopias. In this communication I will further explore how such disregard -sometimes justified by the limited representativeness of the utopia within the monumental work where it is inserted, others by the author's ironical self-discrediting-, also misses key features of the strong link between the melancholic disposition and the utopian impulse.

Burton's utopia is conceived at the intersection of various paradoxes, all of them related with the reverse side of a melancholic frustration over an absent or lost order and the “retreat from a disheartening world” (Babb 1951: 184), namely the exacerbated imagination traditionally expressed in revelatory dreams and poetic creations (Schleiner 1991). 1) Despite its inherent voluntarism, Burton's “poetical commonwealth”- may be considered a melancholic symptom. It attempts to detail the social and political conditions in order to suppress melancholy: “making mourning impossible or at least instilling aversion towards it” (Lepenies 1969: 36). 2) Burton proceeds from a detailed diagnose of the present political and economic order, but in order to unsettled deep assumptions of first order observation it attempts to magnify and satirize the current

(dis)order. 3) Burton's utopia is accompanied by a comparative study of ancient and contemporary cities and, contrasting with the humanist that prevails throughout the Anatomy, departs from a negative anthropology, which considers men's inherent moral imperfections. However, the solitary and disfranchised observation that stirs utopian reveries and writing is more than a receptacle of discontent and resentment, a nostalgic attachment; it retains the principles of the present reality in order to acknowledge a generative logic of the new city.

António Moniz (CHAM/NOVA FCSH)

Maria Celeste Moniz (CHAM/NOVA FCSH)

A UTOPIA DE AVIS NOS ESCRITOS E NA AÇÃO POLÍTICA DO INFANTE D. PEDRO

O pai de D. Pedro, D. João I, tinha deixado aos filhos e à filha uma forte herança, uma verdadeira utopia, baseada em ideias políticas claras do que considerava dever ser um rei/príncipe. De facto, Portugal tinha acabado de ultrapassar uma guerra muito dura e perigosa contra o seu tradicional e terrível inimigo, Castela, a qual tinha sido imposta à nação pela ambição permanente dos dois primeiros reis Trastâmaras: Enrique II e Juan I. Era o momento certo para estabelecer novas e fortes bases de uma nova era, um novo estilo de ser rei, uma nova dinastia, um novo governo, um novo país, muito mais rico, forte e muito mais desenvolvido.

O Infante D. Pedro era o segundo filho sobrevivente. Era um jovem invulgarmente inteligente e erudito, quer nos autores clássicos, quer cristãos. A sua personalidade era igualmente muito rica: era um bravo soldado, que servira nos exércitos do imperador Sigismundo contra os temíveis e cruéis Otomanos durante dois anos; tinha viajado e visitado a maior parte das cortes europeias durante três anos; em todas tinha sido acolhido com grande respeito e recebido honras invulgares por parte dos reis e dos príncipes estrangeiros, incluindo o papa Martinho V; era sábio e generoso, amado pelo seu povo.

No regresso à pátria, passou pelo reino de Aragão (Catalunha e Valência) e por Castela, onde se apercebeu da contínua ação subversiva dos Infantes de Aragão (filhos de Fernando I de Aragão) contra o rei castelhano Juan II. D. Pedro ficou chocado ao perceber que esta família, castelhana por nascimento, certamente se tornaria, no futuro, nos mais fortes e perigosos inimigos de Portugal. Esta ameaça aumentara consideravelmente com o casamento do príncipe D. Duarte, futuro rei, com D. Leonor de Aragão, a mais jovem das irmãs dos muito ambiciosos Infantes de Aragão. No espírito do Infante tornou-se claro que a sociedade portuguesa necessitava urgentemente de incrementar grandes reformas, quer nas suas forças militares, quer na justiça e na administração, quer na economia, quer no ritmo da sua expansão ultramarina, quer no seu nível de educação, sendo cada um destes aspetos considerado como essencial num novo sistema, de acordo com o ideal complexo do que deveria ser um bom governo: era, de facto, o reforço da utopia política que ele, os irmãos e a irmã tinham herdado dos pais (D. João I e a sua rainha inglesa, D. Filipa de Lencastre).

Nesta comunicação, estudaremos a atividade do príncipe em dois campos: como pedagogo e como político, especialmente durante a sua regência.

Infelizmente para Portugal, a maior parte dos filhos de D. João I teve vidas trágicas e curtas (um tema que necessita ser estudado com muito maior profundidade). O Infante D. Pedro foi um deles. Depois da sua morte nos campos de Alfarrobeira, Portugal interrompeu esta promissora utopia durante o longo reinado de D. Afonso V, que foi totalmente dominado pelos grandes nobres nacionais. A utopia de Avis só foi recuperada pelo neto de

D. Pedro, o grande rei D. João II, que assumiu totalmente a ação política do avô. Contudo, infelizmente para o país, o seu reinado durou apenas catorze anos e ele morreu demasiado cedo também, aos quarenta anos, em 1495.

THE AVIS UTOPIA IN THE INFANTE DOM PEDRO'S WRITINGS AND POLITICAL ACTION

Dom Pedro's father, king D. João I, had left to his sons and to his daughter a very strong heritage, a true utopia, based on clear ideas of what he thought a good king/prince should be. Actually, Portugal had just overcome a very hard and dangerous war against its traditional and fierce enemy, Castilla, which had been imposed to the nation by the permanent greed of the two first Trastámara kings, Enrique II and Juan I. It was the right time to establish new and strong bases of a new era, a new king style, a new dynasty, a new government, a new and much richer, stronger, and more developed country.

The Infante D. Pedro was the king's second born surviving son. He was an uncommonly intelligent and learned young man, both in classical and Christian authors. His personality was also uncommonly rich: he was a brave soldier, who had served in emperor Sigismund's armies against the feared and fierce Ottomans for two years; he had travelled and visited most of the European courts for long three years; everywhere he had raised a great respect and received outstanding honours from foreign kings and princes, including pope Martin V; he was wise and generous, and he was loved by his people. In his return voyage to his homeland he passed in Aragon (Cataluña and Valencia), and Castilla, where he realized the permanent subversive activity of the Infantes of Aragon (Ferdinand I's children) against king Juan II of Castilla. Dom Pedro was shocked and he realized that this family, Castellans by birth, would surely be the strongest and the most dangerous enemies of Portugal in the future; this menace had greatly been increased by the marriage of prince Edward (the future king) to lady Leonor of Aragon, the youngest sister of the too ambitious Infantes of Aragon. In Dom Pedro's mind it became clear that the Portuguese society urgently needed to implement great reforms, both in its military forces, in its justice and administration, in economy, in the rhythm of its overseas expansion, in its educational level, every of these features being considered as essential in a new system, according to a complex ideal of what a good government should be. Actually, it was the reinforcement of the political utopia he and his brothers and sister had inherited from their parents (king João I and his English queen, Philippa of Lancaster).

In this talk we will study the prince's activity in two different fields: as a pedagogue and as a politician, mainly in his regency.

Unfortunately for Portugal, most of king João I's sons had tragic and short lives (a theme which needs to be studied in much wider terms). Infante Dom Pedro was one of them. After his death at Alfarrobeira fields, Portugal interrupted this promising utopia in long Afonso V's reign, who was totally dominated by the national great nobles. The Avis utopia was only recovered by Dom Pedro's grandson, great king João II, who totally assumed his grandfather's political action. Yet, unfortunately for the country, he only reigned for fourteen years, and died too soon, when he was forty years old, in 1495.

CONFERÊNCIA DE ENCERRAMENTO | CLOSING ADDRESS

UTOPIAS: TEMPORALIDADES E ESPACIALIDADES

Pelos Organizadores / By the Organisers

CONFERENCISTAS / SPEAKERS

KEYNOTE SPEAKER

Fátima Vieira (CETAPS/UP)

Fátima Vieira é Vice-Reitora para a Cultura da Universidade do Porto e Professora Associada com Agregação da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP), onde lecciona desde 1986. Foi Presidente da Utopian Studies Society / Europe entre 2006 e 2016, tendo sido galardoada com o Larry E. Hough Distinguished Service Award, instituído pela associação americana e canadiana Society for Utopian Studies. É coordenadora do CETAPS - Centre for English, Translation and Anglo-Portuguese Studies, onde lidera a linha de investigação Mapping Utopianisms. É ainda coordenadora do Projeto Alimentopia, financiado pela FCT, e acolhido conjuntamente pelo CETAPS e pelo ILCML - Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa. É *Visiting Professor* da Universidade de Ferrara, onde leciona num programa doutoral internacional sobre sustentabilidade e bem-estar, e docente no programa doutoral europeu MOVES - Migration and Modernity: Historical and Cultural Challenges.

Fátima Vieira is Vice-Rector for Culture of the University of Porto and Associate Professor (with "Agregação") at the Faculty of Arts and Humanities, where she has been teaching since 1986. She was the Chair of the Utopian Studies Society / Europe from 2006 to 2016, and the recipient of the Larry E. Hough Distinguished Service Award of the American and Canadian Society for Utopian Studies. She is the Coordinator of the University's branch of CETAPS - Centre for English, Translation and Anglo-Portuguese Studies, where she is the leader of the research project "Mapping Utopianisms". She is also the Coordinator of the research project Alimentopia, funded by the Foundation for Science and Technology and jointly hosted by CETAPS and ILCML - Institute for Comparative Literature Margarida Losa. She is visiting professor of the University of Ferrara, where she teaches a doctoral programme on environmental sustainability and wellbeing; she also teaches at the European Joint Doctorate MOVES - Migration and Modernity - Historical and Cultural Challenges.

Maria Assumpta Coimbra (IF/UP)

Maria Assumpta Pimenta Dias Coimbra é Doutorada em Filosofia pela FLUP, Licenciada em Filosofia pela FLUC, Mestre em Ciências da Educação e Pós-Graduada em Gestão da Formação e Administração Educacional, pela FPCEUC. Membro integrado do Instituto de Filosofia da FLUP, desde 2010. Investigadora da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no grupo "Philosophy and Public Space" do Instituto de Filosofia da FLUP, desde 2007. Está a fazer Pós-Doutoramento em Filosofia sob o tema "Interferência(s) das Tecnologias Digitais nos modos de existência humana", no Instituto de Filosofia da FLUP.

Valéria Ramos (UFF/Brasil)

Pós-doutoranda no Instituto de Filosofia, da Universidade do Porto. Investigadora-colaboradora do Research Group Philosophy and Public Space, do Instituto de Filosofia, da Universidade do Porto. Pós-doutorado pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Assis/SP, com estágio no exterior, nas Universidades Nova de Lisboa e do Porto; doutorado em Filosofia, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. É psicóloga e professora titular, aposentada, na Universidade Federal Fluminense - Brasil.

Lucas Fernández (FDUC/Brasil)

Doutorando em Filosofia, no Instituto de Filosofia da Universidade do Porto. Doutorando em Direito pela Universidade de Coimbra. Mestre em Direito pela Universidade de Coimbra. É advogado.

Lídia Queiroz (IF/UP)

Lídia Queiroz é investigadora do Instituto de Filosofia da Universidade do Porto, trabalhando no projeto *From Data to Wisdom. Philosophizing Data Visualizations in the Middle Ages and Early Modernity*. Anteriormente, foi bolsista de pós-doutoramento em filosofia da ciência no Centro de Filosofia das Ciências da Universidade de Lisboa, e foi também bolsista de doutoramento em filosofia medieval, em Itália e na Holanda. Enquanto professora, foi docente da disciplina de *Filosofia Social e Ética* na Universidade Católica, formadora do curso *Dilemas Éticos Contemporâneos* na Faculdade de Letras da Universidade do Porto e professora no Ensino Secundário.

Carlos João Silva (IF/UP)

Carlos João da Cunha Silva has been a Philosophy teacher since 1990 at Agrupamento de Escolas de Latino Coelho - Lamego. Degree in Philosophy (1985-1989) at the Faculty of Arts of the University of Coimbra. He concluded the cycle of studies leading to the Master's degree in Philosophy - Ethics and Political Philosophy branch - at the Faculty of Arts of the University of Porto (2012). Nowadays, as a researcher, he is an integrated member of the Philosophy and Public Space Group at the same Faculty and he still teaches at his high school.

Pedro Neto (FAUP)

Pedro Leão Neto holds a Degree in Architecture (1992) and a Master Degree in Urban Environment Planning and Design from the Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto (1997), and a PhD in Planning and Landscape from the University of Manchester (2002). Lecturer at FAUP since 2007 in the areas of Architecture, Communication, and Photography and coordinator of the research group Centre for Communication and Spatial Representation (CCRE-CEAU-FAUP). Director of Cityscopio and editorial coordinator of scopio Editions and Sophia Journal. Coordinator of the international conference On the Surface. Coordinator of the Visual Spaces of Change research project (POCI-01-0145-FEDER-030605).

Eduardo Silva (FAUP)

Eduardo Silva holds a masters in Image Design from Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto (2017) and a degree in Plastic Arts and Multimedia from Escola Superior de Educação de Viseu (2012). Working in the field of documentary photography since 2011, he's currently a FCT research fellow at the Centre for Spatial Communication and Representation (CCRE/CEAU/FAUP) involved in the research project Visual Spaces of Change (POCI-01-0145-FEDER-030605) and a collaborator of CEAU (Centro de Estudos de Arquitectura e Urbanismo).

Mário J. F. Mesquita (FAUP/i2ADS/CITCEM)

Concluiu o Doutoramento no Programa de Doutoramento em Arquitetura em 2015/12/16 pela Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, o Mestrado em Planeamento e Projecto do Ambiente Urbano em 1998/11/20 pela Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto e a Licenciatura em Arquitectura em 1995/07/15 pela Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. É Professor Auxiliar na FAUP, Investigador Integrado no Instituto de Investigação em Arte Design e Sociedade (FBAUP/UP) e Investigador Colaborador no Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura Espaço e Memória (FLUP/UP). É arquitecto em regime de profissional liberal, artista e Investigador Principal na Águas do Porto, E.M.

Afonso Castro (FAUP)

Concluiu o Mestrado integrado em Arquitectura em 2019/11/04 pela Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. Enquanto estudante da Escola Soares dos Reis,

publicou na revista *Dinâmicas*. Foi estudante de mobilidade out ao abrigo do programa Erasmus.

Graça Silva (IF/UP)

Maria Graça Monteiro Pinto Silva (n. 1960) é licenciada em Filosofia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto (1983), tendo feito o mestrado em Relações Interculturais pela Universidade Aberta (1998) com a defesa da tese *A inserção escolar dos alunos luso-descendentes*. Desempenha funções docentes no ensino secundário, no grupo 410 (Filosofia), na Escola Secundária Jaime Moniz, no Funchal (Madeira). É membro do grupo de investigação Filosofia e Espaço Público, do Instituto de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

João Pereira de Matos (CHAM/NOVA FCSH)

Nasceu em Lisboa, em 1973.

É investigador no CHAM - Centro de Humanidades da FCSH-Univ. Nova de Lisboa.

Deu a conferência a Responsabilidade Social do Escritor na Fundação Gulbenkian no âmbito do Congresso Nietzsche Pessoa e Freud; a conferência Pessoa: em defesa da Maçonaria na Casa Fernando Pessoa; as conferências Pessoa, Epicurista e Pessoa e as Poéticas da Noite ambas na Univ. Nova assim como várias outras conferências sobre Epicuro e o epicurismo, Filosofia Antiga, Filosofia Política e Filosofia da Arte em Portugal e no estrangeiro.

Leccionou os Cursos “Introdução a Epicuro e ao Epicurismo”, “Iniciação a Jorge Luis Borges” e “Introdução a Franz Kafka”, todos na Universidade Nova de Lisboa.

Como escritor publicou *A Machina Circumspecular*, *Fumar Mata (ilustração)*, *Requiem par'Imortais*, *Ônfalo*, *Ciência Vaga*, *Cancioneiro d'Érebo*, *Scherzi*, *Visões do Vazio em um Livro Autógrafo*, *Ossa et Cineres*, *Exercícios de Escrita*, *A Morte Encantada*, e *Augenblick* todos pela Editora Apenas Livros e os livros *Os Olhos de Cassandra*, *Tapetum Lucidum e Haikai* pelo colectivo literário Subterrânea.

Colaborou em vários números das revistas *Seara Nova*, *Big Ode*, *Callema*, *Minguante*, *Piolho*, *Nova Águia*, *Côdeas*, *Triplov*, revista *Dobra* e na *Revista Cultura*.

Adalberto Dias de Carvalho (IF/UP)

Adalberto Dias de Carvalho é professor catedrático (aposentado) da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, onde é também investigador integrado do RG - Philosophy and Public Space do Instituto de Filosofia. Exerceu funções como professor convidado da Universidade de Rouen (França), da Universidade Católica Portuguesa, da Universidade Eduardo Mondlane, da Escola Superior de Educação Paula Frassinetti, para além de colaborar com a Universidade de Paris 8. É atualmente professor coordenador principal, diretor e presidente do Conselho Técnico-Científico do ISCET - Instituto Superior de Ciências Empresariais e do Turismo. Doutorou em Filosofia pela Universidade do Porto e em Turismo pela Universidade de Girona, tem exercido diversos cargos e funções de relevo no âmbito da sua atividade científica, integrando várias sociedades científicas internacionais e como presidente da Sociedade de Filosofia da Educação de Língua Portuguesa. Para além da sua obra “Antropologia da Exclusão ou o Exílio da Condição Humana” traduzida e editada nas línguas francesa e espanhola, é autor de diversos outros livros, entre estes “Epistemologia das ciências da educação”, “A educação como projeto antropológico”, “Utopia e educação” e “Regards sur la personne”.

Joaquim Escola (IF/UP/UTAD)

Joaquim José Jacinto Escola licenciou-se em Filosofia na Universidade de Coimbra, Portugal no ano letivo de 1986- 87. Obteve o grau de licenciado em Filosofia- ramo de formação profissional no ano letivo de 1990- 91 na Universidade de Coimbra. Obteve o grau de Mestre em Filosofia Contemporânea, Universidade de Coimbra, Portugal, em 1993. O Doutoramento, em Ciências da Educação foi realizado na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal, em 2003. Atualmente é Professor Auxiliar com

nomeação definitiva no Departamento de Educação e Psicologia, Escola de Ciências Humanas e Sociais, UTAD, desde 2008. As suas áreas de investigação incluem: Tecnologias da Informação e Comunicação aplicadas às NEE; Comunicação e Tecnologia Educativas; Educação para os Media, ética informática. É membro integrado do grupo de investigação do IF da Universidade do Porto nas linhas de investigação em Filosofia da Educação e Filosofia no Espaço Público. Membro do Grupo de Investigação da Universidade de Salamanca na Linha de investigação “EDUCACIÓN COMPARADA Y POLÍTICAS EDUCATIVAS (ECPES)”. Publicou mais de uma centena de trabalhos, incluindo 17 artigos em revistas especializadas e 40 trabalhos em atas de eventos, 9 livros e possui ainda 100 capítulos de livros publicados. Participou em cerca de quarenta eventos no estrangeiro e em Portugal, integrando as comissões organizadoras e científicas em muito deles. Foi membro da equipa de investigação alguns projetos.

Isabel Araújo Branco (CHAM/NOVA FCSH)

Isabel Araújo Branco is Professora Auxiliar in the Departamento de Línguas, Culturas e Literaturas Modernas of the Faculdade de Ciências Sociais e Humanas of the Universidade Nova de Lisboa (UNL). She holds a doctorate in Comparative Literary Studies at UNL, with a thesis entitled «A recepção das literaturas hispano-americanas na literatura portuguesa contemporânea: edição, tradução e criação literária», with which she received the International Scientific Award Mário Quartin Graça 2015, granted by the Casa da América Latina. She had a master in Literatura Comparada (Universidade Nova de Lisboa) and in Estudos Contemporâneos da América Latina (Universidad Complutense de Madrid). She holds two degrees in Ciências da Comunicação and Estudos Portugueses (UNL). She is the coordinator of the Research Group Cultura, História e Pensamento Ibéricos e Ibero-Americanos» of CHAM-Centro de Humanidades (UNL), is member of the Núcleo de Estudos Ibéricos e IberoAmericanos (FCSH-UNL) and collaborator of Centro de Estudos Comparatistas (Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa). She collaborates regularly with the Casa da América Latina (Lisboa).

Marco Neves (CETAPS/UP)

Marco Neves is an Invited Professor at NOVA University of Lisbon and a researcher at CETAPS. He has been a speaker in many international conferences and a distinguished speaker, by invitation, at the American Translators Association Conference 2018, in New Orleans. His research interests include complexity in translation, translation technology, Iberian languages, Portuguese linguistics and English culture. While writing his PhD thesis on translation complexity (to be delivered in November 2019), he has been involved in many outreach activities. He has published six books on language, one literary essay and one novel.

Camila Vasques Mellet (FLUP/FDR-UFP/Brasil)

Bacharel em direito pela Faculdade de Direito do Recife da Universidade Federal de Pernambuco e licenciada em Línguas e Relações Internacionais pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Mestranda em Estudos Políticos no mestrado em História, Relações Internacionais e Cooperação da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Bojidara Palagacheva (UP/University of Bari “Aldo Moro”/Italy)

Bojidara Palagacheva is a PhD student at the University of Porto. Previously she accomplished her bachelor and master studies in the University of Bari “Aldo Moro” Italy.

Carola de Castro (FLUP/UFMG/Brasil)

Doutoranda em Filosofia pela Universidade do Porto, 2019. Mestre em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais, sob orientação de Prof. Dr. José Luiz Borges Horta, 2017. Bacharel em Ciências do Estado pela FDUFG, 2015. Produtora cultural na empresa Nonada Criações.

Azula Marinho (PUC Minas/Brasil)

Doutora em Ciências Sociais -PUC Minas 2016, com Pós-Doc em Políticas Sociais - Universidade Estadual Norte Fluminense-2017-2018. Mestre em Ciências Sociais- PUC Minas- 2012. Licenciatura em Geografia- PUC Minas- 2007, e Especialista em Estudos sobre Segurança Pública e Juventudes- UFMG-2008-2010.

KEYNOTE SPEAKER

Francisco Colom González (CSIC/Madrid/Espanha)

Francisco Colom González es Profesor de Investigación en el Instituto de Filosofía del Consejo Superior de Investigaciones Científicas (España). Su trabajo se ha centrado en las relaciones entre cultura, identidad política y cambio social, así como en los conflictos normativos que se derivan de su interacción. En la actualidad dirige el proyecto de investigación La filosofía política de la ciudad. Su último libro se titula *Tristes patrias. Más allá del patriotismo y el cosmopolitismo* (2019)

Ana Carina Vilares (IF/UP)

PhD in Ethics and Political Philosophy in 2014 at the Faculty of Arts of the University of Porto (FLUP), with the thesis The Ethical Path of Recognition. A dialogue with Adela Cortina, published in Portugal as a book. Researcher of the RG Philosophy and Public Space, Institute of Philosophy, Faculty of Arts of FLUP. Main research interests are Ethics and Politics (articulation), Social and Political Philosophy and the concept and practice of Recognition as a philosophical issue (working within the main references of Aristoteles, Kant, Hegel, Marx, Arendt, Rawls, Habermas, Honneth, Cortina and Fraser).

Irândina Afonso (FLUP)

Licenciada em Filosofia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Mestranda em Filosofia na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

João Rebalde (IF/UP)

João Rebalde é doutorado pela Universidade do Porto. É atualmente Investigador do Instituto de Filosofia da mesma Universidade. As suas principais áreas de investigação são Filosofia medieval e início da modernidade, Filosofia da Natureza e do ambiente e Ética. Sobre estes temas tem apresentado numerosas conferências e publicado diversos artigos.

Giuseppa Spenillo (IF/UP)

PhD in Sociology/ Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (CPDA/UFRRJ)/Brazil. Associated Professor at Social Science Department of the Universidade Federal Rural de Pernambuco/Brazil. Integrated Research at RG Philosophy and Public Space/ Philosophy Institute/ Porto University.

António Martins Gomes (CHAM/NOVA FCSH)

*António Martins Gomes teaches at Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (UNL), 19th century Portuguese culture predominantly. As an integrated researcher of CHAM (Centre for the Humanities), he has participated in several congresses and conferences, as speaker or co-organizer. Since 1987, he publishes texts on culture, literature and art in periodicals and collective books, organized the *Antologia Crítica de Cultura Portuguesa Oitocentista*, and collaborated in *ERNIE - Encyclopedia of Romantic Nationalism in Europe* (Amsterdam University Press, 2018).*

Domingo García-Marzá (Universitat Jaume I/Espanha)

Catedrático de Ética y Filosofía política en la Universitat Jaume I de Castellón. Doctor en Filosofía por la Universidad de Valencia, amplió estudios de política en Frankfurt (Alemania) y economía en St.Gallen (Suiza). Ha sido Vice-rector de Comunicación y Director del Departamento de Filosofía y Sociología. En la actualidad es Comisionado para el Desarrollo de la Responsabilidad Social Universitaria.

Entre sus publicaciones destacan: *Teoría de la justicia. Habermas y la ética del discurso* (Madrid, Tecnos, 1992); *Teoría de la democracia*, (1998); *Ética Empresarial: del diálogo a la confianza* (Madrid, Trotta, 2004), *Integrating the ethical perspective: methods, cases, levels in business and management* (Junto con Martin Büscher y Hans de Geer. München, 2005), *Neuropolítica* (Comares, 2013).

Actualmente trabaja en el desarrollo de un modelo de implementación de sistemas de gestión de la Ética y la Responsabilidad Social tanto en instituciones públicas como privadas.

João Maria André (IEF/UC)

João Maria André licenciou-se (1979) e doutorou-se (1992) em Filosofia na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, sendo professor catedrático e ensinando nas áreas da Filosofia e do Teatro. É autor de vários livros sobre Filosofia do Renascimento, sendo o mais recente *Douta ignorância, linguagem e diálogo: o poder e os limites da palavra em Nicolau de Cusa* (2019), e sobre Diálogo Intercultural, podendo destacar-se *Diálogo intercultural, utopia e mestiçagens em tempos de globalização* (2005). Publicou também, sobre Filosofia e Antropologia do Teatro, *Jogo, corpo e teatro* (2017). Além da docência e da investigação, tem desenvolvido igualmente uma intensa actividade cultural, nomeadamente através da tradução, dramaturgia e encenação na Cooperativa Bonifrates de Coimbra.

Gonçalo Marcelo (CECH/UC)

Gonçalo Marcelo é investigador contratado ao abrigo da norma transitória (DL57/2016) no Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra e Professor convidado na Católica Porto Business School. É licenciado em Filosofia (2007) e doutorado em Filosofia Moral e Política (2014) pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa. Fez investigação em Louvain-la-Neuve, Paris e Nova Iorque, tendo sido bolsheiro de pós-doutoramento da FCT (SFRH/BPD/102949/2014) entre 2015 e 2019. Os seus principais interesses de investigação e publicações incidem nas áreas da filosofia social e política, ética, teoria crítica e hermenêutica.

Pablo Sánchez León (CHAM/NOVA FCSH)

Pablo Sánchez León es investigador sobre identidades sociais, conflictos ciudadanos y discurso en períodos transiciones en la historia de España en perspectiva comparada (del antiguo Régimen a la modernidad, desde la democracia a la dictadura en los años 30, y de la dictadura franquista a la actual democracia). Sobre cuestiones de historia conceptual es co-editor de Palabras que atan. Metáforas y conceptos del vínculo social en la Edad Moderna y Contemporánea (Madrid y Mexico, Fondo de Cultura Económica, 2014); es también autor de Popular Political Participation and the Democratic Imagination. From Plebs to People in Spain, 1766-1868 (New York, Palgrave-MacMillan, forthcoming).

Leonor Santa Bárbara (CHAM/NOVA FCSH)

Leonor Santa Bárbara é Professora Auxiliar na NOVA FCSH, onde ensina Grego antigo, Literatura Grega e Cultura Clássica Grega. É também investigadora do CHAM-Centro de Humanidades, desde 2013. A sua investigação foca-se na cultura e na literatura gregas antigas, em particular o período helenístico. Traduziu para Português obras relativas à cultura grega de E. R. Dodds, E. Havelock, Jacqueline de Romilly e Félix Guirand. Também traduziu alguns textos gregos e latinos, incluindo epigramas da *Antologia Grega*

e de outros poetas gregos sobre o amor e a morte (*Metacrítica. Revista de Filosofia da Unidade de Investigação em Ciência, Tecnologia e Sociedade da Universidade Lusófona*, nr. 6, March 2005 [<http://metacritica.ulusofona.pt>]). Também colaborou na edição bilingue do tratado de D. Jerónimo Osório, *De Gloria*.

Danielle de Castro-Mansano (FLUP)

Danielle de Castro-Mansano é bacharel em Comunicação Social (Unesp), especialista em História da Arte pela (FAAP) e Divulgação Científica (USP). Pesquisa questões de imagem e representação histórica nos média. É mestrande de História, Relações Internacionais e Cooperação pela Universidade do Porto, pela qual fez este artigo para unidade curricular “Retórica Política”. Investiga ainda como tema de dissertação a passagem do Imperador brasileiro Pedro II por Portugal. Fez iniciação científica (2006) com bolsa Fapesp e foi pesquisadora-bolsista pelo CNPq (2012 - 2015) no projeto educacional Casa da Ciência, para o qual escreveu um livro. Foi repórter do jornal Folha de S.Paulo.

Cláudio Carvalho (IF/UP)

Cláudio Alexandre S. Carvalho (b. 1982) is a Doctor in Philosophy (University of Coimbra, 2012), in the field of Ethics and Political Philosophy. He is a Researcher at the Institute of Philosophy (University of Porto), on the research group “Aesthetics, Politics & Knowledge” with a postdoctoral fellowship of the Portuguese Foundation for Science and Technology (FCT). His research project aims at understanding the constitution of the therapeutic medium of modern society, attending to the scientific, social and political contexts.

António Moniz (CHAM/NOVA FCSH)

Professor aposentado da FCSH-UNL
Investigador do CHAM
Membro emérito da Academia de Marinha

Maria Celeste Moniz (CHAM/NOVA FCSH)

Professora aposentada do Ensino Secundário
Assistente de Investigação do CHAM

Comissão Organizadora

Luís Manuel Bernardo - U. Nova de Lisboa

Maria João Couto - U. Porto

Paula Cristina Pereira - U. Porto

GI Filosofia e Espaço Público do Instituto de Filosofia da Universidade do Porto - FIL/00502

GI Pensamento Moderno e Contemporâneo do CHAM – Centro de Humanidades, NOVA FCSH–UAC